

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1926

N. 156

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) T. Araripe, J. B. Magalhães, João Pereira (da Redacção) Luiz Procopio, Dracon Barreto, P. E. Pies, Alcindo Pereira (da Administração) Paes de Andrade, Sílio Portella, Nilo Val, Scheleder, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Eloy Catão, Francisco Fonseca e C. C. de Abreu.

Edição de 44 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

Uma questão a mais

COLLABORAÇÃO

A Defesa Nacional Argentina (Trad.)	Major Alvaro de Carvalho
O processo dos eixos rectangulares...	Cap. J. Verissimo
Subsidio para a Historia Militar ...	1.º Ten. R. Jourdan
A Engenharia em acção	Cap. Pamphiro
A Escola Militar	Cap. J. Marcellino
« Suggestões »	Diversas
Interrogatorio de prisioneiros	1.º Ten. O. Paranhos

DA REDACÇÃO

Os livros de 1926 — « Amor ao trabalho e fé na Victoria » (Trnsc.) — Curso para formação de officiaes de Reserva — Bellas ideias coroadas bellas realidades (Trnsc.) — A formação Sanitaria da 1.ª Divisão — A Allemanha no Tribunal da Justica — Thema a premio — Subsidios para os Quadros de Reserva — Ephemerides do Mez — **Vae mudar a cor da Capa** — Bibliographia e Expediente.

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Cap. Ten. Braz Velloso

Nos Quadros de Reserva

Cap. Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphiro
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. O. — Cap. de Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. S. I. — Ten. Rollim, Sgt. Escolastico.
E. M. — Ten. H. Sarmiento.
1.º R. I. — Major Pedro Angelo.
2.º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3.º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1.º R. C. D. — Ten. Floriano Portugal.
15.º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. José Candido Muricy.
2.º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1.º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1.º B. E. — Ten. Bettamio.
1.ª Cia. F. V. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

2. G. 2.ª D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszanny.
2. G. 3.ª D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
2. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
2. G. 5.ª R. M. — Curitiba — Ten. Altamirano Pereira.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Léo Cavalcanti.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Correia Lima.
E. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
1.º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
2.º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
1.º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
2.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
3.º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
1.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
2.º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
5.º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
9.º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
11.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
14.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.

2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Lauriodo.
4.º R. C. D. — Trez Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2.º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5.º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3.º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5.º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anisio Montarroyos.
1.º G. A. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmiento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianopolis — Ten. Zoroastro Firmo.
Força Publica de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Publica do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.

Instrução do Soldado

Pontos principaes da instrução da tropa)

Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exército das *Sociedades de Tiro e Estabelecimentos* onde ha instrução militar.

Completamente remodelado e em dia com os *recentes regulamentos*, abrange o programma completo da *Escola de Soldado* de accôrdo com os novos ensinamentos.

Como *livro para recrutas* encerra todos os ramos de sua instrução, expostos methodica e succintamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrução Geral.
- III — A Instrução Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrução Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exército.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papellaria Macedo - Rua Quitanda, 74 - Rio

Accita encomendas.

Preço de cada fasciculo . . . \$1000
Os I, II, III e IV, reunidos . . . \$3000

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica



pelo

1.^o Ten. *Fernando Fonseca de Araujo*

A' venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais \$500



MOLESTIAS NERVOSAS
MISERIA ORGANICA
NEURASTHENIA
HYGROSACCHARETO
SILVA ARABUJO
Glycerophosphatos
alcalinos glanulados

Conselhos sobre a Instrução de Combate e Serviço em Campanha

do Tenente T. de Alencar Araripe

3.^a Edição augmentada

Contém a Instrução Individual e a Escola do Grupo de Combate,
com 400 paginas e interessantes illustrações.

Preço 6\$000

À venda na Escola de Sargentos de Infantaria — Villa Militar. Na Directoria do Tiro de Guerra — Quartel General.
Na rua General Camara 108 com João Araripe e na Livraria Briguet

É um pequeno livro indispensavel aos instructores, aos sargentos, cabos, aos officiaes de reserva e candidados a esses postos. É um guia para a instrucção de campo na infantaria e cavallaria.

Sobre elle manifestou-se o Sr. CORONEL BARRAND, da Missão Militar Franceza, do seguinte modo: «Eis um trabalho bom e bem feito», foi a exclamação que tive, mesmo não tendo lido tudo; e á qual, após haver lido, accrescentei: «e que vem perfeitamente a seu tempo, para maior utilidade dos instructores de hoje e de amanhã, — para maior proveito do Exercito Brasileiro».

«De maneira que dentre nós, que fizemos a guerra, o melhor que tivesse como vós igualmente reflectido, poderia sem temor subscrever um trabalho como o vosso. Por mim, o assignaria de boamente».

«Seria de desejar que, carinhosamente pelo proprio E. M. E. fosse vosso trabalho difundido pelo Exercito Brasileiro, não somente nas bibliothecas dos corpos, mas até nas menores unidades onde se pratica a instrucção. Ahi é que colheis a recompensa de vossos esforços; não somente pelo reconhecimento agradecido dos graduados a quem facilitastes a tarefa, mas pela gratidão do Exercito, a quem offerecestes contribuição poderosa para torná-lo mais instruido; portanto, melhor e mais forte».

As assignaturas no proximo anno

Communicamos aos nossos prezados assignantes e representantes as seguintes resoluções, tomadas afim de regularisar-se de vez a vida administrativa da "A Defesa Nacional":

- 1) não mais serão acceitas, a partir do mez de Janeiro inclusive, assignaturas consignadas em folha, para o que foram solicitadas as necessarias providencias da Contabilidade da Guerra;
- 2) será considerado "sem ligação" qualquer assignante que até ao segundo numero de cada semestre não tenha saldado seu debito para com "A Defesa Nacional".

Por mais rigidas que pareçam essas resoluções, lembramos aos interessados que não basta pagar mas é preciso pagar adeantado e que as importancias remettidas entram na Thesouraria com a indispensavel oportunidade.

A REDACÇÃO

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1926

N. 156

EDITORIAL

Uma questão a mais

«A defesa Nacional», nesses ultimos seis mezes, outra coisa não tem feito senão cooperar para o restabelecimento das melhores energias de nossa instituição, principalmente por alçar-a aos objectivos permanentes que lhe devem conduzir os passos. O nosso numero ultimo, em face dos prognosticos favoraveis que se esboçaram e recapitulando todo o esforço realizado, culminou a sua actuação do modo que já é do dominio de nossa opinião militar.

Esse conjuncto de coisas pode ser traduzido como a elaboração confiante de ambiente saudavel para a retomada da actividade que marcou os dias anteriores á degenerescencia em que entraram as questões referentes ao problema da defesa nacional.

Como que não ha mais justificação para *descasos e resistencias passivas*, para a manifestação de *descontentamentos ou despeitos inscontidos*.

A epoca que se inaugura deve ser de trabalho productivo, energico e franco. Exige a collaboração de todos, seja qual, fôr a situação pessoal de cada um. Inclusive, exige attitudes nitidas, inconfundiveis por isso que na jornada que se inicia não ha lugar para incompatibilidades, mórmente das providas de situações senão de interesses pessoais.

E' bem certo que a normalisação das nossas coisas militares não se fará sem grandes e profundos sacrificios in-

dividuaes. Bemditos os que sentirem onde está o proprio sácrificio e souberem sacrificar-se!

Dentre a actividade a que referimos está a do E. M. E. E' já do dominio publico a compressão soffrida por esse órgão durante os annos rudes que vimos de atravessar. E a opinião militar conhece de perto a que está reduzida essa actividade.

No emtanto, ninguem tem duvidas sobre a sua importancia como órgão de investigação, como aparelho coordenador, como entidade responsavel. Todos sabem que a multiplicidade de seus aspectos funcçionaes, não quer dizer dispersão mas especialisação concordante de esforços. Não ha negar que é de sua propria constituição a *continuidade de trabalho, a estabilidade mental, o equilibrio das decisões*.

Taes caracteristicas só podem ser attendidas se *asseguradas umas tantas circumstancias*. Em primeiro lugar está o *recrutamento de seus membros*. Nadá de arregimentar gente apathica ou sem o habito do trabalho intellectual intenso e profundo. Muito menos deve-se dar preferencia aos que se não inseriram já nas tradições do Exercito ou dellas se tenham apartado por actividade ou mentalidade verdadeiramente divergentes da orientação que a nossa evolução mili-

tar tem seguido. A autoridade do órgão — que deve chegar a ser indiscutível — precisa ser oriunda *essencialmente* do *valor pessoal* dos que entram em sua constituição. E, entenda-se esse *valor pessoal* não só sob o ponto de vista unilateral da cultura mais ou menos generalizada da intelligencia, mas sob a multiplicidade de aspectos que resumem a personalidade dos *verdadeiros chefes militares* — o equilibrio das melhores qualidades de que é dotado o espirito humano.

Em seguida apparece o *methodo do trabalho*. A producção, o *rendimento do trabalho* é no E. M. E. — mais do que em qualquer outra instituição — *obra do methodo*. Nesse particular não ha que discutir. Sabe-se bem o *valor da ordem e do methodo* em qualquer ramo da actividade humana, individual ou colectiva. São elles que geram a *serenidade de animo, a clareza de ideias, a nitidez do que se quer*. «O genio é uma longa paciencia» e essa longa paciencia é, em ultima analyse, o que exige o trabalho silencioso, exaustivo, *constante*, a obra genial desse órgão que é ao mesmo tempo cerebro e coração na difficil physiologia da defesa nacional.

Por fim é indispensavel que o E. M. E. acredite *fervorosamente*, religiosamente em sua propria missão, em sua proprio labor. A confiança em si mesmo é condição inequívoca de exito, qualquer que seja o empreendimento em jogo. A falta dessa confiança engendra a dissociação, conduz á esterilidade, anemiza e mata.

Até onde estarão asseguradas, no presente momento, essas circumstancias, unicas capazes de attenderem a aquellas caracteristas? Não o sabemos precisamente, nem mesmo nos cumpre arguil-as.

Isso não nos dispensa do dever — como órgão de publicidade que somos de assumptos militares — de bordar algumas ideias a respeito do que se espera desse principal apparelho da defesa militar da nação. E esse dever é tanto mais inadiavel é indiscutível quanto deixar de cumpril-o seria criar exepção inexplicavel em face das attitudes positivas recentemente assumidas pela «A defesa Nacional», aliás em concordancia com os seus propositos de sempre.

Pode dizer-se que se espera muito. Não podia ter sido melhor concebida nem melhor executada a montagem da nova administração que vae se ultimando em suas minucias.

Sob taes influxos o *meio* começa a dar mostras de reacção contra o torpor que o asphyxiava. São innumeradas as provas dessa affirmativa e só não poderão sentil-a aquelles em que se embotou por completo a visão das coisas ou os que se alheiem ás realidades presentes para viver de abstrações mais ou menos *allucinatorias*. A propria M. M. F. quer retomar, sem perda de tempo, o seu lugar na fileira. E' por demais razoavel que, convulsionados como o temos sido por questões intimas de alta gravidade politica e militar, a actividade da M. M. F. se restringisse ao minimo compativel com os dados negativos da situação e com os malabarismos que estes poderiam acobertar. Cessadas porém as causas cessam os effeitos. E os nossos prestigiosos mestres já fizeram alguns esforços para retomar a liberdade de acção que lhes compete.

Quer dizer que, computadas todas as forças, nada ha mais que justifique as falhas de que póde e deve resentir-se o E. M. E. e é natural que todas as vistas se voltem agora para o centro de todas as manifestações de nossa preparação militar.

Estamos como que numa situação de fim de jornada. A «frente» coalhou após serie infinita de reacções de toda sorte. Ha que reconstituir as unidades, recompor as ligações, reajustar os commandos. E' urgente levar para frente aprovisionamentos de toda especie e evacuar sem demora todos os dejectos da batalha.

E isso, bem o sabemos nós, não é só das attribuições do escalão superior. Tem qualquer coisa de automatico. Espera-se muito das iniciativas dos escalões subordinados, para que se possa estabelecer a corrente continua, nos dois sentidos, visando o restabelecimento da capacidade combativa. Cada qual deve aspiral-a completa e no menor prazo.

Em tal caso, se o E. M. E. se sente de insufficiencias, nada mais simples do que reorganisarem-se os seus quadros, reajustarem-se os seus methodos

de trabalho e restabelecer-se a confiança em si mesmo.

Consideradas as condições actuaes de nossa administração militar tudo indica que esse esforço se fará sem attrictos de nenhuma especie. Todos já se convenceram que vamos entrar num regimen de *capacidades praticas, effectivas* e ninguém extranhará não só o afastamento de uns como a chamada de outros. Ao contrario, para isso é que se voltam todas as atenções no momento.

Nada mais será preciso do que agir. Ahi está a M. M. F. sabidamente apoiada pelo novo governo e pela melhor parte de nossa officialidade. Só isso representa um facto dos mais ponderaveis. Significa que nenhuma das actuações cairá

no vasio. Os mestres applaudirão e incentivarão, applaudidos e incentivados como devem sentir-se. Não lhes falta, sobra-lhes o anseio por levar adeante a sua obra á qual não tem faltado a co-opeção dos nossos chefes de real valor militar. Ahi estão as esperanças todas dos que vivem no Exercito e para o Exercito, *no exacto valor desses termos*.

Eis o scenario — eis por que se espera muito do E. M. E. Que elle seja capaz de corresponder a essa angustiosa expectativa, que não queira chamar para si só toda a responsabilidade do fracasso das actuaes circumstancias por demais favoraveis a nossa restauração militar, e, mais que isso, á organização definitiva do poder militar do Brasil.

OS LIVROS DE 1926

Um rapido golpe de vista sobre a actividade militar, nestes ultimos doze mezes a vencerem-se, não nos permite o prazer natural dos que, ao termino da tarefa, contemplam embevecidos a propria obra. Resaibos de amargor nos ficam desse balanço d'onde o organismo militar surge ainda combalido sob a acção dos males que infelizmente têm perdurado.

Mas se o olhar se detém sobre certos aspectos dessa actividade, a impressão logo se modifica. E' o que, por exemplo, acontece quando se aprecia a resenha das publicações militares deste anno:

GUIA DO COMMANDANTE DO GRUPO DE COMBATE dos Ten. Cel. *Paes d'Andrade* e Ten. *Pavel*; TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA do Ten. Cel. *Paes d'Andrade*; ARTILHARIA — PROBLEMAS NA CARTA do Maj. *Silio Portella*; MANUAL DE INSTRUCCÃO PHYSICA dos Cap. *Barbosa Leite* e Ten. *Jair Ribeiro*; CONSELHOS SOBRE A INSTRUCCÃO DE COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA (3.^a Edição melhorada) do Ten. *T. Araripe*; COLLOCAÇÃO EM VIGILANCIA DA BATERIA POR MEIO DO GONIOMETRO E DA PRANCHETA TOPOGRAPHICA do Ten. *Fernando Araujo*; REVISTAS DE INTENDENCIA, DE AVIAÇÃO, DA ESCOLA MILITAR, O BRASIL ARMADO, etc.; todos revelando espiritos entre-gues inteiramente aos mistéres da profissão e aos quaes não attingiu a maré de descrença tão apregoada nestes ultimos tempos.

O esforço destes officiaes, procurando difundir as idéas no sentido de aperfeçoar a cultura profissional das forças armadas, dá-nos forte indicio de que tendemos a regressar ao estado normal de tranquillidade e trabalho e de que, cessadas as causas desorganizadoras actuaes, voltaremos confiantes a recuperar o tempo perdido para a tarefa ingente de aperfeçoamento continuo. E isto conforta porque permite a esperança em dias melhores.

Oxalá se alastre esse movimento de divulgação de idéas e venham, com destemor, os estudiosos, especialistas e os pesquisadores de processos praticos a campo para transmittir suas

idéas, suas observações e seus processos, os quaes comparados e acrescentados aos existentes conduzirão a melhorias certas.

E este appello é bem necessario porque são conhecidos innumerous officiaes que por timidez confessada deixam de dar publicidade a trabalhos de valor e de grande utilidade na cultura profissional da classe.

A accentuação do movimento de publicidade das obras militares precisa arrastar consigo, como consequencia indispensavel, uma organização editora que facilite, incentive e oriente a producção.

Até aqui, os que têm tentado publicar seus trabalhos enfrentaram serias difficuldades não só para conseguir quem os quizesse imprimir mas ainda quem se encarregasse de vender as edições. As typographias abarrotadas de trabalhos mais compensadores não querem aceitar essas encomendas avulsas ou então fazem orçamentos elevadissimos e que aconselham a desistência do intento. As livrarias, por sua vez, apresentam os mesmos tropeços, excusando-se de receber livros a consignação ou cobrando taxas muito grandes.

E' verdade que o Estado Maior do Exercito, fazendo imprimir na Imprensa Militar, a titulo de premio, os trabalhos que lhe são apresentados, tem procurado incrementar a iniciativa dos estudiosos mas os beneficios foram até hoje diminutos. Tal systema traria reaes vantagens á propagação de idéas se fosse regulamentado e se tivesse a Imprensa Militar maior capacidade de producção e caracter mais industrial e menos burocratico. Seria vantajoso que a Imprensa, sem as peias doCodigo de Contabilidade, tomasse a si a execução de trabalhos julgados dignos de serem publicados e mediante condições que lhe assegurassem lucro bastante para melhorar seu material e installações.

A melhor solução seria a de uma empresa editora, das varias que já temos, explorando uma secção de livros militares sob condições bem definidas para lhe assegurar o successo commercial e vantagens para a cultura do Exercito.

“Amor ao Trabalho e Fé na Victoria”

Transcrevendo na integra o discurso do Snr. Gen. Seze-fredo dos Passos, Ministro da Guerra, pronunciado por occasião de sua posse, temos a intenção de diffundir os seus conceitos ao mesmo tempo que os deixar impressos nas paginas de «A Defesa Nacional» como testemunho do alto compromisso que todos devemos assumir.

«Meus Senhores:

Tenho plena consciencia das graves responsabilidades do cargo com que me distingui a confiança do Sr. Presidente da Republica, neste momento delicado da vida nacional, e avalio com segurança as difficuldades a vencer. Não as julgo superiores as minhas possibilidades, porque seria deshonesto acceitar tarefa para a qual não me considerasse capaz e deshonestidade destoa do decoro profissional por que tenho procurado pautar a minha vida.

Ao mesmo tempo seria covardia declinar do convite só pelo temor da luta. E eu não quero ser nem deshonesto nem covarde.

Não vae aqui — é preciso comprehender bem — a affirmação nem mesmo uma simples presumpção de que os outros não pudessem occupar o cargo com maiores vantagens. Ao contrario, ninguem mais que eu está convencido de que muitos dos nossos camaradas e alguns nossos concidadãos civis o fariam melhor. Mas coube-me a designação, e não é dos meus habitos furtar-me ao cumprimento do dever, por mais arduo, por mais penoso que elle se apresente.

Não me deslumbra as honras da posição brilhante, como também não me offuscam os seus proventos materiaes, mas, confesso-o, sinto-me attrahido para o bom combate em prol da defesa militar do paiz, empenhando todo o meu esforço para ver o Exercito integrado no conceito da Nação, na confiança dos poderes publicos e apto para a sua dupla missão legal de mantenedor de ordem interna e defensor da integridade da patria no exterior.

Para tanto pouco se exige, — apenas que cada um cumpra o seu dever, adstricto ao trabalho profissional, honesto, voluntario e perseverante, com o desprendimento necessario para se despreoccupar das recompensas immediatas, sem

exhibicionismos ridiculos tão do gosto dos incapazes, das celebridades artificiaes oriundas de camaradagens condemnaveis em que a permuta de elogios e de outros favores se consuma com desprezo da dignidade propria e á custa da reputação alheia; trabalho que se traduz principalmente pelo espirito de sacrificio, esquecidas as pessoas, ouvidos cerrados á lisonja e ás solicitações interesseiras, contracção rigorosa aos elevados deveres de obediencia, de subordinação e de disciplina; em summa, satisfação plena do compromisso de honra contrahido para com a Patria ao ingressarmos no serviço das armas.

E' o quanto de vós deseja o Governo da Republica e o Ministro da Guerra quer ser o vosso companheiro nessa campanha patriotica. Do quanto pretende pela efficiencia das forças armadas o eminente brasileiro, a quem a Nação confiou os seus destinos, dir-vos-ei apenas que entre as grandes preocupações do seu governo figura tornar o Exercito um forte instrumento de ordem no que concerne ás questões internas e de defesa, no que respeita á ordem internacional, consoante os principios constitucionaes que regulam a sua existencia e lhe determinam a finalidade. A tarefa é pesada e o quanto ha que fazer não comporta o momento em que se abrem os nossos corações de soldados ás esperanças de melhores dias.

Trabalharemos todos fóra da visão estreita de que a defesa nacional se resume exclusivamente no aparelhamento das forças armadas, quando ao contrario o seu verdadeiro valor está na conjugação de todas as actividades. Exercito e Armada, nada mais sendo que a vigilancia avançada e sempre prompta sob a protecção da qual se desenvolve a riqueza publica e se preparam os recursos necessarios aos dias difficeis, que, oxalá, nunca tenhamos de passar, mas que não podemos deixar de prever.

Para a execução dessa intenção, penosa mas cheia de compensações de ordem moral, que nos proporcionará a victoria, não nos faltam elementos pessoas, o Estado Maior do Exercito progredindo sensivelmente e trabalhando com dedicação e competencia, orientado pelos ensinamentos auridos na proficiencia da Missão Militar Franceza, que de dia para dia augmenta os seus creditos ao nosso reconhecimento pelos excellentes serviços que vem prestando ao Exercito brasileiro; os Srs. chefes e officiaes dos serviços e assim como os commandos, chefias e officiaes dos estabelecimentos, todos empenhados em applicar as suas melhores qualidades no desempenho dos encargos que lhes são attribuidos; e, por fim, os commandantes e officiaes das unidades de tropa, dessa tropa gloriosa e abnegada para a qual não ha sacrificios nem difficuldades.

O Brasil, meus senhores, não é neste momento um caso isolado no mundo, nem o seu Exercito uma expressão estranha no seio das instituições nacionaes. A tranquillidade por que passamos, vemol-a reproduzida em povos que nos antecederam na existencia internacional, alguns delles tendo julgado encontrar em soluções violentas o remedio para as suas

crises internas. Não nos compete a critica, tanto mais quanto só imperfeitamente conhecemos ás suas condições intrinsecas. No Brasil, porém, qualquer que seja o estado de evolução a que tenhamos attingido, todo o governo nascido da força traz em si mesmo o germen da propria morte, exemplo e estímulo que é para os appetites do mando.

Nas democracias o Exercito deve ser, e todos nós desejamos que assim seja o brasileiro, uma miniatura da Nação, participe de todos os seus defeitos e virtudes, virtudes que nos cumpre cultivar, e defeitos que nos cumpre corrigir. Tudo isso ainda se enquadra no governo, no que deseja do Exercito, tudo isso é trabalho e trabalho serio.

A tarefa é ardua, repito, mas nós havemos de leva-la a bom termo, havemos de vencer, porque temos por nós os votos de todo o Brasil, que nos olha bem comprehendendo a belleza do nosso esforço; havemos de vencer porque não nos abandonará jámais a fé na victoria, sejam quaes forem as vicissitudes por que tenhamos de passar, sejam quaes forem os obstaculos a superar.

Assim pois, amor ao trabalho e fé na victoria, meus senhores.

Cursos para formação de officiaes de reserva

Encerraram-se em Outubro ultimo os cursos para formação de officiaes de reserva que funcionavam na Escola Polytechnica (artilharia) e Escola de Direito (infantaria), sendo a instrucção pratica ministrada com recursos dos 1º G. A. P. e 3º R. I.

A frequencia do curso de artilharia foi accentuadamente mais desenvolvida que o da infantaria, mas em ambos foi optima a qualidade, que revelaram amplamente os exames.

A Escola Polytechnica teve para instructores os nossos conhecidos artilheiros Capitães Luiz Corrêa Lima, Zeno Estillac Leal e Lima Camara, cuja proficiencia é superfluo encarecer.

A Escola de Direito coube ser instruida pelo 1º Ten. Rodolpho Jourdan, cuja competencia e dedicação bem se provaram pelo resultado geral alcançado. Este

curso que, por causas não conhecidas, teve pouca affluencia de candidatos obteve no entanto este excellentes resultado final, na conquista do primeiro degrau para o officialato de reserva:

Alexandre Marcellino de Paula, grau 9; Octacilio Rodrigues Cunha, grau 8; Orlando Moutinho da Costa, grau 7, 5, Pedro Conde, grau 7 e Francisco Oliveira Nanes, grau 6.

«A Defesa Nacional» felicita vivamente não só aos instruendos como aos instructores pelos promissores resultados alcançados e com todos se congratula, esperando que o proximo anno firme definitivamente o acerto da medida adoptada de se ir procurar a formação da nossa officialidade de reserva com elementos de nossas academias. E' nos centros cultos que o são patriotismo pôde e deve ser comprehendido em toda sua extensão.

A Defesa Nacional Argentina

Uribíru versus Molina

(Trad. do Major Alvaro de Carvalho)

Os sensacionaes artigos sobre defesa nacional dados á publicidade em abril do corrente anno, pelo Coronel Ramon Molina, foram, com justiça, muito bem acolhidos pela opinião esclarecida do paiz. e, mesmo os que, como eu, não concordaram com boa parte da these nelles sustentada, applaudiram, sem reservas, o patriotismo e o desinteresse que os inspiraram.

Ademais, o notorio entusiasmo profissional do auctor e a demonstração de um estado de insegurança, concorreram para que nelles se concentrasse a attenção dos que se sentem vinculados ao interesse commum de assegurar a tranquillidade do paiz.

Mas o toque de alarma produziu tambem outros efeitos, e o echo dos comentarios não tardou a revelar que não havia escapado á penetração dos observadores o facto apparente de que a autoridade até então responsavel não houvesse meditado sobre a situação desvantajosa assignalada pelo Coronel Molina nem proposto, a quem de direito, as emendas necessarias.

A estranheza devia logicamente acenhar-se ao considerar a posição de confiança que o articulista occupava junto á pessoa do Inspector Geral do Exercito, donde o dever que a este se impõe, de servir-se da mesma tribuna em salvaguarda de sua responsabilidade.

Ao exteriorizar, porem, essa desintelligencia com meu esclarecido collaborador, não é meu pensamento entabolar polemica, senão, simplesmente, revelar o reverso da medalha, deixando ao juizo

dos que dirigem o Exercito, a adopção de umas ou outras idéas.

A demora de vir a publico deve attribuir-se, entre outros motivos, ao desejo de escutar opiniões autorizadas, para confronto com as minhas, resultando, desse modo, um intercambio proveitoso para aquelles a quem o destino tenha reservado a sorte de realizar as transformações que, em data mais ou menos proxima, se hão de impôr á consideração dos poderes publicos.

Infelizmente, ninguem entre nós se tem occupado de thema tão interessante, excepção feita do ex-deputado Albarracin, que o estudou sob outros aspectos.

Antes, porem, de considerar o projecto apresentado pelo Coronel Molina, cumpre-me declarar a minha absoluta abstenção no que se refere á preparação e estudo da organização divisionaria em vigor, de sorte que as razões, que me induziram a manter sem alteração o que encontrei planejado, não se baseiam em um pueril amor proprio de auctor.

Ao assumir o cargo de Inspector Geral do Exercito encontrei uma situação creada, cujas deficiencias conhecia, e que não era facil e de bom aviso modificar sem o previo concurso dos meios correspondentes. A mais elemental prudencia aconselhava, nesse caso, obter do que estava feito o maior rendimento, pelo menos até contar com os elementos indispensaveis a uma transformação gradual e systematizada, ajustada á realidade e á nossa posição geographica no Continente.

Nota da Redacção — Nossos leitores devem ainda estar bem lembrados de uma serie de artigos do Coronel Molina, referentes á organização militar argentina e que, dados á luz nas paginas do grande diario «La Nacion», foram por nós publicados, em os ns. 149, 150, 152 e 153 deste anno. Pois bem, temos o prazer de estampar em as nossas paginas outra serie de artigos, sobre o mesmo assumpto, não mais porem do primeiro auctor e sim do GENERAL URIBÍRU, os quaes foram igualmente publicados em «La Nacion».

O General Uribíru que desempenhou o cargo de Inspector Geral do Exercito, tendo

para secretario o Coronel Molina, a este responde, explicando quaes os motivos porque não adoptou a organização proposta por este, contestando muitos dos argumentos apresentados.

A comprovada competencia daquelles officiaes argentinos e a importancia de sua actualiação na organização militar do paiz visinho recommendam sobremaneira a leitura da serie de artigos, cuja publicação hoje iniciamos.

Esses artigos nos foram gentilmente cedidos e traduzidos pelo nosso prezado camarada Major Alvaro de Carvalho, que ha muitos annos se dedica a estudos de politica internacional.

O exame dessa situação deu nascimento ao projecto de reorganização ideado pelo Coronel Molina, o qual, submettido á minha serena e desapaixonada analyse, suggeriu immediatamente a meu espirito a evidencia de sua impraticabilidade.

Com effeito, tanto a organização actual como a proposta pelo Coronel Molina padecem, em meu conceito, do mesmo defeito capital: — a primeira, pelos motivos concludentes assignalados pelo autor ao bosquejar brilhantemente nossa situação strategica em relação aos nossos vizinhos; a segunda, porque se baseia em effectivos de que só a metade existem e que, para obter o que falta, seria mistér resolver antecipadamente certas questões de ordem governamental e obter do Congresso os fundos indispensaveis á sua realisação.

Nem de outro modo se explica minha attitude em face do mencionado projecto, pois se houvera admittido a possibilidade de sua execução não teria titudeado em fazel-o meu e propôl-o, com enthusiasmo, á autoridade competente.

A QUESTÃO FUNDAMENTAL

Para uma melhor comprehensão, e ao abordar o estudo do projecto Molina em seu aspecto 'substancial, que vem a ser a transformação das cinco Divisões de Exercito actuaes em oito de organização analoga, convem transcrever os paragraphos em que o auctor concretiza seu pensamento, ao computar os elementos disponiveis do exercito argentino.

Diz o Coronel Molina:

1.º) «Temos, desde já, para este fim, dois regimentos de infantaria e os dois grupos de artilharia que actualmente constituem os dois Destacamentos de Montanha Norte e Cuyo, e os dois regimentos de infantaria montada». «Indubitavelmente essas especialidades são as vezes necessarias aos exercitos, mas se considerarmos a situação actual, em que nos faltam, como ficou demonstrado, grandes unidades, a primeira exigencia a attender é a da constituição dessas unidades, antes de qualquer outra formação de valor secundario». «Os Destacamentos de Montanha não podem substituir em caso de operações as Divisões de Exercito, porque sua reduzida composição só lhes per-

mitte uma capacidade de combate escassa, que seria de pouca efficacia na acção das massas».

2.º) «Assim pois, pelos calculos e considerações feitas, poderia dispôr-se, desde já, para o plano das oito Divisões, das cinco existentes e mais cinco regimentos de infantaria e dois de artilharia (procedentes dos Destacamentos de Montanha e das Escolas de Armas), com cujos corpos se poderiam formar duas Divisões mais, analogas ás existentes (só faltaria para completar essas duas Divisões, em seu pé de paz, um regimento de infantaria, dois de cavallaria e dois batalhões de sapadores pontoneiros)». «Para a oitava Divisão faltariam todas as unidades, que vêm a ser, tambem em pé de paz, tres regimentos de infantaria, um da cavallaria, um de artilharia e um batalhão de sapadores pontoneiros». «Total de effectivos que faltariam, contando tambem com um conveniente augmento para os corpos, escolas e commandos novos: 250 officiaes, 650 sub-officiaes e 6.000 conscriptos». «Tudo importaria, no que diz respeito a soldos e alimentação de homens e solipedes, em uma somma annual de \$5.500.000, etc., etc.»

No paragrapho primeiro acima transcripto o autor admite que essas especialidades (tropas de montanha) são tambem, e indubitavelmente, necessarias aos exercitos, mas limita-se a considerar a circumstancia de que nos faltam grandes unidades, as quaes, em sua opinião, constituem o essencial, deslembrando-se, precisamente, da nossa extensa e difficil fronteira oeste que elle, auctor, reconhece necessitar de cuidados e de defeza. Comentão nos seria dado constituir da noite para o dia as tropas aptas para a guerra de montanha, se se não possuem, desde o tempo de paz, os nucleos encarregados de instruir e formar as reservas que devem completal-as em caso de mobilisação? Seria evidentemente arriscada a supressão dessas tropas se se considera que umas e outras se differenciam fundamentalmente em sua estrutura e composição.

Se não é possivel substituirem-se as Divisões por tropas de montanha, tão pouco estas poderão ser substituidas por aquellas, pois que sendo de emprego differente, como differentes são sua indumentaria, armamento e instrucção, não se concebe que se suprimam umas em pro-

veito de outras, a pretexto de que as primeiras são essenciaes.

Tal affirmação não se coaduna com os bons principios, porquanto a prioridade depende do theatro de operações em que são chamadas a actuar.

Ora, o auctor, no interessante capitulo do seu trabalho que trata da situação strategica e dos planos de guerra, diz textualmente: «Não se pôde absolutamente admittir que um plano concebido durante a paz, abandone uma parte do paiz ao adversario» (1).

Pergunta-se: Como poderíamos evitar isso se fossemos simultaneamente atacados pelo Oeste e pelo Nordeste? Com que tropas enfrentaríamos o inimigo do Oeste? Com as tropas instruidas e preparadas exclusivamente para a guerra de massas?

Teríamos, forçosamente, de lançar mão das Divisões, por carencia absoluta de tropas especializadas em operações de montanha.

E' possível então admittir-se uma rapida e efficiente transformação do equipamento, do armamento e da instrução das Divisões, de modo a adaptal-as á guerra de montanha?

Sabe-se que somente os pequenos Destacamentos podem manobrar nas regiões de montanha, quer se trate do ataque, quer da defeza, e que só elles, por suas características especiaes, podem manter-se por um tempo prolongado na defeza, ou ganhar o flanco do adversario no ataque, se se deseja facilitar a passagem de forças superiores.

Poderiam, acaso, esses Destacamentos, ser substituidos por vanguardas di-

(1) Os planos de guerra consideram factos e circumstancias do momento em que se preparam e de que não é possível prescindir.

E' bem desagradavel, sem duvida, consignar um plano a possibilidade de ter de abandonar-se uma parte do territorio patrio, no inicio das operações, mas é forçoso acceitar o dilemma quando o fim visado e os meios de que se dispõem obrigam a isso.

Tal foi o que succedeu ao Commando russo na Campanha de 1812 e que terminou com exito para o dito Commando.

Tambem o plano ideado pelo Conde Schlif-fen, para o caso de uma guerra contra a França e a Russia, acceitava, como um mal inevitavel, a possibilidade de attingirem os exercitos russos as proximidades de Berlim, enquanto se procurasse aniquilar o inimigo do Oeste.

visionarias destinadas a proteger exclusivamente a frente da columna que as destaca e obrigadas, alem disso, a marchar unicamente pelos valles, porque outra cousa lhe não permittem os seus elementos constitutivos?

E' mais provavel que o autor, ao mencionar a fraca resistencia das tropas de montanha, tenha querido referir-se exclusivamente á acção de massas que logicamente se desenvolve fóra da montanha e não na montanha mesma, pois é precisamente dentro desta que as pequenas frações, mercê de uma bôa utilização do terreno, sobem de valôr em proporção geometrica.

As tropas austriacas de montanha na ultima grande guerra offerecem-nos eloquentes exemplos a esse respeito, e salvo o caso de ter o Coronel Molina, o que não creio, um ponto de vista preconcebido e estreito com relação a uma fórmula precisa de conduzir uma guerra sobre duas frentes, não seria admissivel uma these semelhante.

Por pouco que se examine o segundo paragrapho, em que o autor determina a fórmula pela qual se constituirão as oito Divisões, vê-se logo um erro de calculo que, por si só, é sufficiente para fazer falhar a combinação.

Com effeito, o Coronel Molina, ao estabelecer o numero de unidades que faltariam para completar a composição, em tempo de paz, das 6.^a e 7.^a Divisões, refere-se unicamente aos elementos de infantaria, cavallaria e artilharia, deixando de lado as tropas de communicações, a Aviação, a Saúde, trens, balões, etc., como se estas não fossem igualmente indispensaveis. Tão pouco faz menção do que falta ás 5 Divisões existentes para ficarem em condições de poder constituir suas reservas, na eventualidade de uma mobilisação, e sem as quaes jamais poderão agir em campanha.

Alem disso esqueceu-se o autor de mencionar que os regimentos de infantaria das 7 Divisões não contariam com o terceiro batalhão e a bateria de acompanhamento; que aos batalhões faltariam, a terceira companhia e a companhia de metralhadoras; que os regimentos de artilharia não teriam as secções correspondentes de observação meteorologica, optica e acustica; e, por ultimo, que todas

essas unidades, da companhia ao regimento, não poderiam ser providas, em vista do calculo feito, do numero de homens necessarios a uma proveitosa instrucção dos quadros e da tropa.

Seria preciso, pois, addicionar ao « deficit » estabelecido pelo autor para as 6.^a e 7.^a Divisões, tudo o que falta para completar a composição do total das 7 Divisões, a saber: 6 batalhões de comunicações, 7 batalhões de trem, 5 grupos de aviação, 7 companhias de aerosteios, 2 regimentos de cavallaria, 2 batalhões de sapadores pontoneiros, 8 regimentos de infantaria, computando, de accôrdo com o seu ponto de vista, o quarto regimento por Divisão.

A 8.^a Divisão, segundo o autor, figuraria somente no papel e para o effeito de distribuir o territorio em vista de uma mobilização de massas sem instrucção, sem chefes, sem officiaes nem sub-officiaes, que os podessem enquadrar.

Taes tropas, que semelhariam ás que o autor recorda da campanha dos Balcans, alem de determinarem despezas, obrigariam a lançar-se mão dos já escassos officiaes para manterem em dia os registros de elementos que de ante-mão se sabem impossibilitados de mobilizar-se, por não terem recebido nenhuma instrucção militar.

Se o objectivo de organizar previamente as forças consiste em agrupal-as de modo que os nucleos se repartam no territorio de accôrdo com a população e as vias de comunicação, afim de constituir os elementos que devem nutril-os com homens já instruidos nas differentes armas e especialidades, como poderão as fracções territoriaes cumprir as missões que lhes forem impostas se não possuem reservistas?

Do exposto se infere que os 250 officiaes, 650 sub-officiaes e os 6.000 conscriptos que o Coronel Molina considera sufficientes para effectuar a transformação ideada, não bastam, nem tão pouco os 5.500.000 pesos para soldos e alimentação de homens e solipedes, mesmo admitindo-se que as cifras apontadas correspondam á verdade, o que é duvidoso, pois á simples vista se nota que só foram levados em conta os effectivos de officiaes, sub-officiaes e tropa do Quadro de effectivos existente, sendo notorio que

tal Quadro não satisfaz ás necessidades da instrucção e dos demais serviços.

Mas o Coronel Molina, verificando o erro em que incorrera, addicionou aos artigos em apreço, com a franqueza e sinceridade que lhe são características, uma nota que apparece no folheto que os contem e que diz: « Nota recentemente addicionada a este folheto ». « E' preciso entender-se que o reduzido augmento de effectivos indicado é só para tornar possível a passagem immediata ao systema proposto ». « Para que este tenha, posteriormente, a sufficiente solidez e efficaçia, tanto para a instrucção das tropas e commandos, como para a preparação da quantidade necessaria de reservas, impõe-se a elevação do contingente annual de conscriptos a 40.000 homens, o que, todavia, nos deixaria ainda abaixo dos effectivos dos nossos fortes vizinhos ». « As Divisões de Exercito teriam 4.000 homens, cada uma, (32.000 homens) e as de cavallaria 2.000 (6.000 homens), distribuindo-se os 2.000 homens restantes pelos institutos e repartições militares ».

Esta transcrição mostra que o autor, tendo refletido, verificou o quanto havia de irreal nos seus calculos, acabando por afirmar que estes visavam apenas mostrar a possibilidade de uma passagem immediata ao systema proposto, o que, como já se viu, tão pouco seria viavel.

O Coronel Molina vae ainda mais longe ao apreciar com excessivo optimismo sua theoria de voltar-se á Divisão de quatro regimentos de infantaria, o que importaria num augmento de um regimento por Divisão, ou seja um total de sete regimentos, complicando-se mais ainda o problema, pois não bastariam então nem os 40.000 homens de sua nota, já que ao repartil-os, confere somente 32.000 homens para a infantaria, sem considerar esse quarto regimento que assignalo, nem as unidades complementares a que me referi acima.

Por outra parte, parece o auctor acreditar que bastam algumas exhortações ao patriotismo dos que devem votar o augmento preconizado, para obter-se o que considera indispensavel á nossa segurança.

O exemplo da Allamanha, citado pelo auctor, com o proposito de evidenciar o perigo da imprevisão, justifica-se

plenamente, porque não soffre duvida que a creação de dois corpos de exercito, que lhes fazia falta, envolvia tambem a creação das unidades constitutivas dos mesmos, emquanto que, com relação ao Brasil e ao Chile, citados com o mesmo fim, o caso é outro, por isso que os citados paizes não obstante possuirem effectivos muito superiores aos nossos, tambem costumam entreter-se, ainda que em menor grau, baralhando caprichosamente a repartição de suas forças.

Levados pelo justo desejo de organizarmos a nossa defeza, frequentemente nos tenta a ideia de imitar os auctores de orçamentos de obras publicas, as quaes, calculadas pela metade do seu custo real para não assustar aquelles que devem votar as verbas, acabam por consumir o dobro e são levadas até o fim para se não perder o dinheiro nellas consumido.

Sem embargo, e no que se refere a gastos militares, a experiencia comprova que se tem procedido de forma differente, já porque a obra do seu aperfeiçoamento não impressiona facilmente em tempo de paz, já porque o dinheiro que exige a manutenção do Exercito não produz interesse visivel e são muito poucos os que pensam que pode ser reproductivo, evitando-nos o desastre e a derrota.

Convem tambem recordar que, vae para trinta annos, ensaiamos organizações sem acertar com o verdadeiro caminho e sem que se faça o augmento da cifra annual da incorporação na proporção exigida pelos novos serviços creados ou a crear-se, de accôrdo com os ensinamentos da Grande Guerra.

A consequencia natural de semelhante anormalidade importa na diminuição dos effectivos das pequenas unidades de todas as armas e isso succede exactamente quando os processos de instrucção dos quadros e da tropa apresentam innovações que exigem maiores contingentes.

A aquisição progressiva dos elementos de segurança, em concordancia com o crescimento da população e riqueza, e da perigosa situação geographica do paiz, parece-me uma utopia emquanto se não vencer a inercia e desorientação em materia profissional de muitos dos nossos improvisadores, bem como a desconfiança que engendra o temor ao phantasma do militarismo. Baste-nos comprovar que o pedido reiterado do Ministro da Guerra,

de um supplemento de 2.000 homens, com o fim de attender ás necessidades mais urgentes do Exercito, não foi attendido.

A experiencia por mim colhida e os factos annotados durante quarenta e um annos de serviço, diminuíram-me o optimismo, levando-me á convicção do resultado improficuo de querer edificar sem a preparação das bases necessarias, donde a minha repugnancia á toda a combinação que se não baseia na previa elucidación das considerações seguintes:

1.º) Possui a Republica capacidade economica e financeira para manter um exercito em condições de cubrir e proteger suas fronteiras e bem assim uma frota sufficiente para dominar o mar em qualquer emergencia, batendo-se com probabilidades de exito, contra as duas frotas reunidas dos nossos mais poderosos vizinhos?

2.º) Caso se possa contar com esse poder, em que proporção devem repartir-se os gastos afim de assegurar a cooperação das duas instituições?

3.º) No caso de não poder o paiz supportar semelhante carga, qual das duas instituições terá o papel principal, e qual o secundario?

4.º) Se á frota cabe o papel principal, a que altura deverá elevar-se sua potencialidade e, por conseguinte, em que medida far-se-á a redução do exercito?

5.º) Se é ao exercito, em que medida deve a frota ser reduzida e qual a quantidade de tropas necessaria a um *minimum* de segurança de accôrdo com a nossa situação estrategica, a extensão de nossas fronteiras e vias de communicações?

Resolvidas essas premissas, sera então o momento de considerar:

- a) — Organização do Commando;
- b) — Numero de conscriptos que cumpre chamar annualmente para que a instrucção seja proveitosa e a proporção em que devem ser distribuidos pelas armas, de modo que estas e os differentes serviços estejam representados pelas unidades encarregadas de formar as reservas;
- c) — Duração do serviço em condições de attender á preparação dos homens e renovação por metade da classe, afim de contar-

se, a todo momento, com uma parte instruída, o que facilita a instrução e assegura a conservação do material e artefactos de guerra;

- d) — Minimum de Divisões que exige situação estratégica, com todos os seus núcleos de instrução;
- e) — Deslocamento e agrupamento das forças, em vista de uma rápida mobilização;
- f) — Numero de chefes, officiaes e sub-officiaes que impõem a instrução e o serviço de paz;
- g) — Supplemento de officiaes para a eventualidade de uma mobilização;
- h) — Constituição das reservas, formação dos seus quadros, e oportunidade e chamadas periódicas para instrução;
- i) — Material de guerra e equipamento de accordo com as necessidades das tropas, theatros provaveis de operações e qualidade e quantidade de elementos com que contam os nossos provaveis adversarios.

Paulatinamente e com oportunidade tratarei, em toda a extensão, de cada um dos anteriores enunciados, os quaes, como disse, devem ter em sua execução uma ordem logica, se é que, uma vez por todas, se quer lançar sobre bases firmes a futura reorganização do Exercito.

Entretanto, e como já tive occasião de demonstrar, seria imprudente e mesmo prejudicial intentar um novo ensaio contando com a metade dos effectivos indispensaveis, á espera de que, no correr dos annos, os poderes publicos viessem a preencher os claros e sanar as falhas da nova organização, expondo-nos, nesse interim, aos effeitos de algum acontecimento inesperado, sem outros meios necessarios a enfrental-o que uns tantos agrupamentos incoherentes com o pomposo titulo de Divisões que não possuem a capacidade de mobilizar-se por não disporem de reservas instruídas em todos os serviços.

Assim pois, ainda no caso improvable de que se obtivesse um sensível augmento annual da classe, conviria de preferencia, para os effeitos da instrução, começar por dotar os regimentos de in-

fantaria do terceiro batalhão e da bateria de acompanhamento; os batalhões, da terceira companhia e companhia de metralhadoras; os regimentos de artilharia, das secções de observação meteorologica, optica e acustica; as companhias de communicações, de um effectivo nunca menor de 100 homens.

Organizar, alem disso, as unidades que faltam e a que já me referi repetidas vezes, isto é, as unidades de Communicação, Saúde, Aviação, Trem, etc., não obstante a abstracção que dellas faz o Coronel Molina, considerando-as como simples auxiliares, no final de seu trabalho, e como se ellas não necessitem formar suas reservas respectivas.

Contavamos, desse modo, apenas com as 5 Divisões, com a differença, porem, de que ellas estariam em condições de formar as respectivas reservas em todas as especialidades e, portanto, de mobilizarem-se sem difficuldades para uma rápida entrada em campanha.

Tal foi meu parecer, em opposição ao que me propoz o Coronel Molina, porque penso como um ex-presidente quando disse que «para comer guizado de lebre é preciso primeiro ter a lebre».

Sem embargo, e apezar de tudo quanto foi dito, reconheço que o Coronel Molina tem sobrada razão ao defender a creação de 8 Divisões de Exercito e ao sustentar tambem, que é esse o minimo que se concilia com as necessidades da segurança do paiz.

O merito do seu trabalho está em ter sido elle o primeiro em lançar a ideia e eu me apresso em reconhecê-lo, embora discorde da maneira de levá-la por deante.

Mais ainda, o Coronel Molina teve, nesse sentido, a coragem de dizer ao Paiz a verdade no que concerne á sua situação geographica e aos perigos que ella correria no caso perfeitamente possivel de surgirem no Continente conflictos economicos, aspirações nacionaes engendradas por situações especiaes de politica interna, sem outra solução que uma guerra nacional. E é tanto mais digno de applauso esse rasgo do seu character quanto o auctor, ao divulgar as suas idéas, não se intimidou ante o ambiente de geral indifferença pelos assumptos relativos á preparação militar da Nação.

(Continuará)

Bellas ideias coroando bellas realidades

(Discurso do Cap. Correia Lima aos seus Instruendos, candidatos ao officialato de reserva, no dia maximo do compromisso á bandeira) (1).

«Meus jovens camaradas:

Vindes de concluir a 1.^a etapa, vindes de cumprir as primeiras exigencias para obtenção das insignias do officialato de reserva.

Sois a vanguarda dessa pujante campanha de *integralização do Exercito na Patria*; sois os primeiros jovens que realizam a obra salvadora do intimo consorcio do banco academico e a caserna, do laboratorio e a tenda de campanha.

Lá aprendeis a servir á Nação, durante a paz, desbravando-lhe os sertões, jungindo-a no abraço ferreo dos trilhos, alertando-lhe as actividades com o silvo agudo das locomotivas, rasgando-lhe as entranhas em busca do carvão e do ferro, procurando nas quedas d'agua o musculo da industria, o vigor do presente, a riqueza do futuro, os factores authenticos e permanentes da defesa nacional.

Aqui, nesta syntese está o patrimonio que nos legaram os nossos maiores, o sentido da nossa verdadeira politica, — patrimonio formidavel, mas a que a vossa profissão dará mais lustre e augmentará a fortuna.

Na terra immensa e rica por explorar em suas mais largas riquezas e possibilidades, sois vós — futuros engenheiros a capacidade creadora.

Meus jovens amigos, meus presados camaradas — Vossos corações entusiastas de moços comprehendem, ao primeiro rebate, o estado nullo de preparação militar do nosso paiz, e, então, cada um de vós trouxe aqui a cooperação que podia dar. Trazei, para o anno vindouro, a de vossos amigos e, de futuro, quando fôrdes homens de influencia nos destinos nacionais, cooperae para que esta Patria seja forte. — «la raison du plus fort c'est toujours la meilleur».

Trabalhae hoje, amanhã, sempre, para que *desappareça essa mentalidade estreita que affirma que é com 30.000 homens do Exercito activo que se fará, ou, melhor, que se evitará a guerra*, e fazei desmoranar o velho edificio condemnado, a obtusa convicção enraizada em nosso meio de que somos um povo eleito de bravura e que, em momento preciso, agglomeraremos, com elementos absolutamente alheios á guerra, um exercito que será, no nosso pueril devaneio, detentor de glorias e de triumphos. *Triste rebanho, talhado para morrer aos magotes ou fugir vergonhosamente — eis o fim dos exercitos moldados na displicencia, tirados desse cancro horroroso que se chama — guerra intestina.*

Trabalhae, na sociedade civil, que trabalharemos, nós, alguns officiaes, no meio militar para a todos convenceremos *que o exercito não é e não pôde ser uma casta, limitada pelos muros da caserna.* O exercito é a Nação inteira, o exercito não é, apenas, o soldado de hoje, o que está sob a bandeira, é tambem o soldado de hontem, o civil que saiba combater.

O exercito não é tambem somente o homem que sabe combater; o exercito é o homem que sabe fazer alguma coisa util para a guerra. O Exercito não é unicamente o homem, o exercito é tudo — é a coordenação de todas as intelligencias, de todas as energias, de todas as actividades, de todos os meios materiaes para a

consecução do seu fim. O exercito é, pois, a nação militante, activa, zelosa, systematica no seu labor, harmonizada nos seus problemas, unificada nos seus ideaes.

Nada temos feito, tudo está por fazer. As maiores catastrophes se annunciam sobre nós: outros povos briosos e patriotas, se armam e se preparam contra nós, de modo tão claro e ostensivo, que já não vê quem não quer ver e, *emquanto isso, nós cada vez mais nos corrompemos numa indifferença de velho persa, ou nos rasgamos em lutas intestinas em que os homens, de um lado e de outro, apostam quaes delles mais conseguirão demolir esta pobre patria que tanto precisa de constructores...*

E vós, senhoras que me ouvis, mães, esposas, noivas ou filhas, encantos maximos da vida; oasis de affecto, que Deus semeou na aridez da vida, trazei a influencia do vosso sentimento, da vossa intelligencia e da rectidão dos vossos corações, para que os nossos homens sejam mais patriotas e mais energicos.

Infiltrae desde os primeiros annos, nas almas de vossos filhinhos a convicção de que a Patria deve ser a cogitação de todos os instantes, o anhelmo maior daquelles que são dignos e são nobres.

Amparae com vossos sorrisos e com o encanto incomparavel da vossa ternura, todos os actos de civismo dos homens de vossa familia.

Dae-lhes força e energia!

Para terminar, jovens camaradas, duas palavras de agradecimento ás autoridades, que tanto têm amparado esta campanha, augmentando, num rasgo de claro patriotismo, o fulgor e prestimo de sua longa carreira de optimos serviços ao paiz.

Peço venia, pois, e declinarei os nomes dos exmos. srs. generaes Menna Barreto, Nestor Passos, Azeredo Coutinho, João José de Lima e Malan d'Angrogne; coroneis Benedicto Olympio, Apollonio, Avila Garcez, Lima e Silva, e Almerio de Moura; majores Pompeu Cavalcanti e Jardim de Mattos e grande numero de capitães e tenentes.

E lá, na Escola Polytechnica, ao lado dos jovens, a figura, altamente sympathica, de patriota devotado, do seu director, dr. Tobias Moscoso, á sombra de cuja formosa cultura se aninha uma convicção arraigada das necessidades da defesa nacional e da amplitude do seu problema. (A esse respeito convém lembrar que muito breve, por certo, os professores de engenharia hão de ter na reserva, situação identica á dos de medicina).

Secundando o dr. Moscoso, com a mesma denodada crença no futuro da patria, vemos o secretario da Polytechnica, dr. Andrade Neves.

E, para concluir — camaradas! — o grande companheiro de jornada, o incitador vigoroso — Diniz Junior — o jornalista moço e eleito, o talento brilhante e multiplice, o batalhador infatigavel pela grandeza do Brasil, — a elle, que, ainda na primeira juventude, abandonava, temporariamente, em 1908, a Academia de S. Paulo, para, na sua terra natal, dar á mocidade patricia um exemplo pratico do cumprimento do dever militar, um largo amplexo, o grande abraço de affecto e de jubilo por esta primeira victoria que é, tambem, sua».

(1) Os gryphos são da Redacção.

O processo dos eixos rectangulares

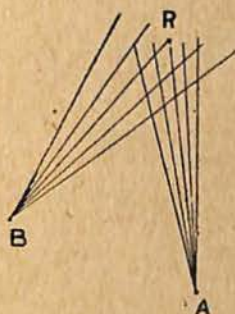
Pelo Cap. Ignacio José Verissimo,

Ha cerca de 3 annos, vem, o Cmt. Weller, ensinando na E. A. O. um processo de regulação ainda não regulamentado mas cujo interesse parece, para nós, indiscutivel.

A razão primeira e que lhe dá um caracter realmente curioso, é de exigir, para a regulação da direcção e do alcance, a observação de 4 tiros apenas. O facto tambem de não exigir carta o inclue, muito especialmente, entre os processos a explorar pela nossa artilharia. E' verdade, que impõe a existencia de 2 observadores, mas considere-se que 4 tiros bastam á regulação, e se terá concluido que máo grado a necessidade de uma ligação dupla, essa será reduzidissima. De facto, a observação de 4 tiros, exigirá muito pouco em materia de ligação. Um posto optico ou um posto de signaleiros é capaz de se desobrigar dessa tarefa com grau de rapidez.

Supponhamos um observador A a 5000 mts. de distancia do ponto de regulação R e um observador B a 2500 mts.

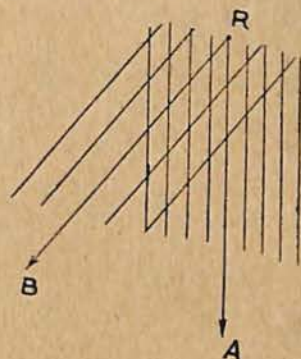
A' distancia de 5000 e 2500 mts., respectivamente o afastamento de um millessimo corresponde a 5 mts. e 2,5. Os lados dos differentes angulos de 1 millessimo — vistos pelos observadores A e B — a direita e a esquerda das linhas de observação AR e BR, concorrerão no olho de cada observador, formando, assim, 2 feixes de rectas convergentes (fig. 1).



(Fig. 1)

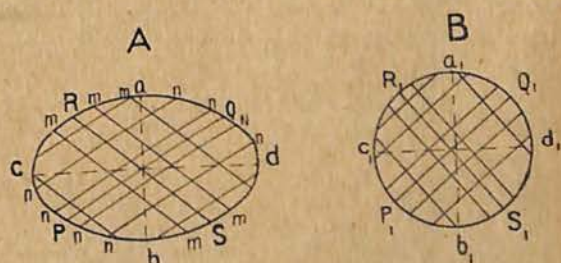
Tendo em vista, porem, o pequeno afastamento dos lados de cada grupo de angulos nas proximidades do ponto R (5 mts. para os partidos do olho do observador A e 2,5 para os partidos do olho do observador B) é possível, sem perigo, considerar, ahi, as linhas

como paralelas. Teremos assim (nas proximidades do ponto R) uma rede de paralelogramos (fig. 2).



(Fig. 2)

Ora é sempre possível transformar por projecção uma elypse A (fig. 3) num circulo B. Sendo assim teremos, na projecção, os eixos da elypse $ab\ cd$ transformados em diametros a, b, c, d .



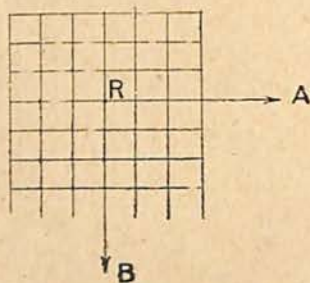
(Fig. 3)

Cortemos agora a elypse por uma serie de cordas paralelas (cordas M) e tracemos um diametro que corte essas cordas ao meio (diametro P. Q). Cortemos novamente a elypse por outro grupo de cordas N, paralelas ao diametro P. Q e tracemos, igualmente, um diametro RS que corte essas cordas N ao meio. E' claro que esses 2 diametros serão conjugados (1).

Mas numa elypse os diametros conjugados se encontram sob um angulo qualquer a ; num circulo elles se encontram sob um angulo recto. Resulta dahi que a projecção dos diametros PQ e RS sob o circulo serão linhas perpendiculares. Em consequencia todos os paralelogramos elementares formados, na

(1) Dois diametros são chamados conjugados quando cada um divide em 2 partes iguaes as cordas paralelas ao outro.

elypse, pelo encontro das cordas paralelas, se transformarão, na projecção, em rectangulos. Fica claro que se as cordas M e N forem igualmente espaçadas, teremos, na projecção, quadrados em vez de rectangulos. Concluiremos assim que o trama da fig. 2 pôde-se transformar no trama da fig. 4.



(Fig. 4)

Ora para ter o trama da figura 4 admittimos as cordas M e N como igualmente afastadas, e como essas cordas representam no trama da fig 4 os lados dos angulos de 1 millesimo vistos pelo observador A e B, é preciso consideral-os, em consequencia, a igual distancia.

graphico (fig. 5) só representará fielmente o phenomeno do tiro quando:

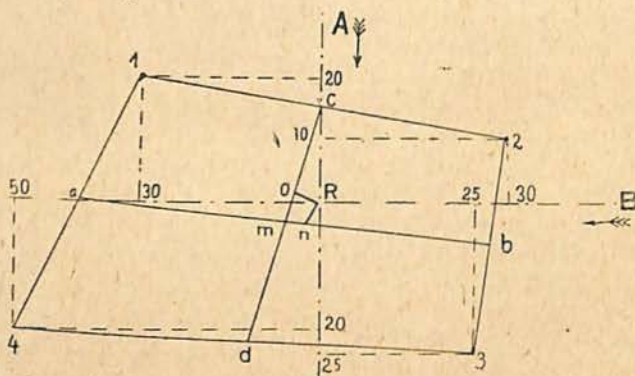
- a) os observadores A e B estiverem a igual distancia.
- b) a relação entre o afastamento millesimal do graphico e o do terreno for conhecida.

Ora na pratica, não só, os observadores, não estão, em regra, a igual distancia, como a escala dos afastamentos não é conhecida.

Tudo consiste pois em admittir, provisoriamente, o graphico da fig 5 como fiel e buscar, pela observação de alguns arrebetamentos, a relação que o liga ao tiro no terreno. Uma vez obtida essa relação, estaremos de posse de um verdadeiro cartão de construcção (2).

Execução do Tiro

Traça-se na bia um graphico constituido por 2 eixos rectangulares. AR e BR representativos das linhas de observação dos observadores. A partir da origem (ponto de regulção R) tomam-se, sobre os eixos, intervallos iguaes (3). Estes intervallos representam, na escala do desenho, unidades millessimaes. Feito isto



(Fig. 5)

Então, *a priori*, admittiremos os 2 observadores collocados a igual distancia do ponto de regulção R. Isso vae nos permittir traçar (fig. 5) duas rectas perpendiculares AR e BR representativas das linhas de observação da fig 1 — e sobre ellas tomarmos afastamentos iguaes — representativos dos angulos de 1 millessimo visto pelos 2 observadores. Mas em que escala tomaremos esses afastamentos, se nada sabemos da distancia (supposta a mesma) em que se acham os 2 observadores? Numa escala arbitria. Resulta de tudo isso que o nosso

colloca-se a peça na direcção approximada do ponto R e faz-se um disparo com a alça resultante da preparação.

(2) Instrucção Franc. sobre o Tiro de Art. — artg. 409.

(3) Tomam-se esses intervallos iguaes porque se considera os observadores a igual distancia. Quando, porem, se sabe que as distancias de A e B a R são muito differentes, pôde-se, para não deformar muito a projecção do terreno, espaçar as graduções correspondentes ao observador menos afastado, de uma, duas vezes mais que as do outro. Seria o caso a fazer no exemplo que tomamos em que A está a 5000 mts. e B a 2500 mts.

Sejam os seus elementos iniciais

$$\text{Deriva} = 32.50 \quad \text{Alça} = 5.400$$

Os observadores *A* e *B* annunciam:

$$A = D. 30 \quad B = D. 20$$

De posse desses elementos e levando em conta a frete do observador (4) loca-se o tiro 1.

Dá-se depois um segundo tiro com a mesma direcção mas com alça diferente (4 garfos por exemplo) afim de afastar bem o tiros (5).

Então:

$$\text{Deriva} = 32.50 \quad \text{Alça} = 5.800$$

(Suppondo para facilitar o garfo igual a 100 mts.)

Os observadores *A* e *B* annunciam:

$$A = E. 30 \quad B = D. 10$$

Loca-se o tiro 2 e une-se 1 a 2.

Tem-se assim, sobre o graphico, uma primeira approximação do phenomeno do tiro — pois, de posse da recta 1-2, conhecemos a direcção da bia.

Como o graphico não leva em conta a distancia da bia — ella é considerada no infinito.

Além disso a distancia, sobre o graphico, dos tiros 1 e 2 nos dá igualmente uma primeira approximação sobre a escala que liga 4 garfos no terreno a 4 garfos no desenho.

Feito isto, e conservando a mesma aeça do tiro 2, dá-se um terceiro tiro, com deriva differente. Qual deriva? Uma deriva tal que leve a linha de tiro no sentido do ponto de regulação *R*. No nosso caso vemos que a direcção do tiro é 1-2, por isso —, para levarmos a linha de tiro ás proximidades do ponto *R*, impõe-se um deslocamento para a direita; logo deriva menos.

Então 3.º tiro.

$$D = 32.00 \quad A = 5.800$$

Os observadores annunciam:

$$A = E. 25 \quad B = E. 25$$

Loca-se o tiro 3 e une-se 2 a 3.

(4) No graphico os observadores *A* ou *B* podem ser considerados voltados para baixo — ou para cima (obs. *A*); para a esquerda ou para direita (bs. *B*). O que se impõe é tomar os desvios sempre segundo a mesma frente.

(5) Dando-se esse segundo tiro com uma alça pouco differente da primeira, o effeito da dispersão poderia collocar-o nas visinhanças do tiro 1, e assim não se destacariam bem os 2 pontos de queda.

A distancia 2-3 nos dá, approximaadamente, a relação que liga 50 millessimos no terreno a 50 millessimos no graphico. Temos assim nestes 3 tiros — a escala em alcance (tiros 1-2) e a escala em direcção (tiros 2-3).

Dá-se em seguida um quarto tiro com a mesma deriva mas com a alça do tiro 1.

$$D = 32.00 \quad A = 5.400$$

Os observadores *A* e *B* annunciam:

$$A = D. 50 \quad B = E. 20$$

Loca-se o tiro 4 e une-se 3 a 4 e 4 a 1.

Obtem-se assim um quadrilatero formado por 4 tiros. Nesse quadrilatero as linhas 1-2, e 4-3 nos dão, ambas, — a escala em alcance do graphico; as linhas 2-3 e 1-4 nos dão a escala em direcção.

Ora se tomarmos então, o meio dessas rectas — (pontos *a b c d*) e os ligarmos dois a dois teremos duas novas linhas que representarão as escalas com maior approximação. Assim linha *a b* — escala em alcance representativa da alça media das alças 1 e 2; linha *c d* — escala em direcção representativa da deriva media das derivas 2 e 3.

O ponto de encontro *M* poderá pois ser considerado, o ponto medio de 4 tiros lançados com a alça media e a direcção media.

Então *M* tem para elementos:

$$D = 32.25 \quad A = 5600.$$

Como a origem do graphico representa o objectivo, tira-se, por esse ponto, duas rectas paralelas as rectas medias *ab cd* e tem-se assim um novo quadrilatero. *MnRO*.

De posse desse quadrilatero, conhecemos agora, o desvio em alcance e direcção do ponto *M* ao ponto *R*.

— em alcance = *R. n.*

— em direcção = *R. O.*

Mas nos só conhecemos a grandeza graphica dessas correções. Como determinar seus valores?

Ora *ab* representa um lance de 400 mts., *cd* um lance de 50 millesimos logo é facil encontrar os valores para *R M* e *RO* pois

$$\begin{array}{rcl} \frac{ab}{400} & = & \frac{Rn}{\times} \\ & e & \\ \frac{cd}{50} & = & \frac{RO}{\times} \end{array}$$

Subsidio para a Historia Militar

Rendição de Angustura — 30 de Dezembro 1868

Pelo 1.º Ten. R. Jourdan

Abandonando a linha de Tebicuary, sob a pressão dos Exercitos Alliados, o restante do Exercito Paraguay (20.800 h.) organizou-se numa nova linha chamada Pequiciry, cobrindo assim Assumpção, Capital da Republica.

Posição vantajosa para a defensiva, pois além de ter o rio Paraguay como obstaculo, era ella apoiada á direita no forte de Angustura (margem esquerda do Paraguay) e no grande Chaco (margem direita) e á esquerda nas diversas Lomas (Valentinas e Corumbarity) e nas regiões

o Cmdo. do Cel. Ant.º Silva Paranhos. A 6 de Dezembro travou-se a batalha de Itororó, succedendo-se as de Avahy á 11, de Sta. Blanca á 17, e a de Lomas Valentinas de 21 á 27, em que os paraguayos sob o Cmdo directo de Lopes, foram completamente batidos, sendo este obrigado a retirar-se com um reduzidissimo numero de homens para Cerro Leon; continuando ainda a resistir a fortaleza de Angustura, commandada por Thompson e Lucas Carrilho, embora isolada e sitiada, já.

A 28, em conselho, o Marechal Caxias e os Generaes alliados, resolveram, antes de iniciar o ataque, intimar a render-se, enviando para isso um parlamentar aos sitiados, que negaram-se a capitular.

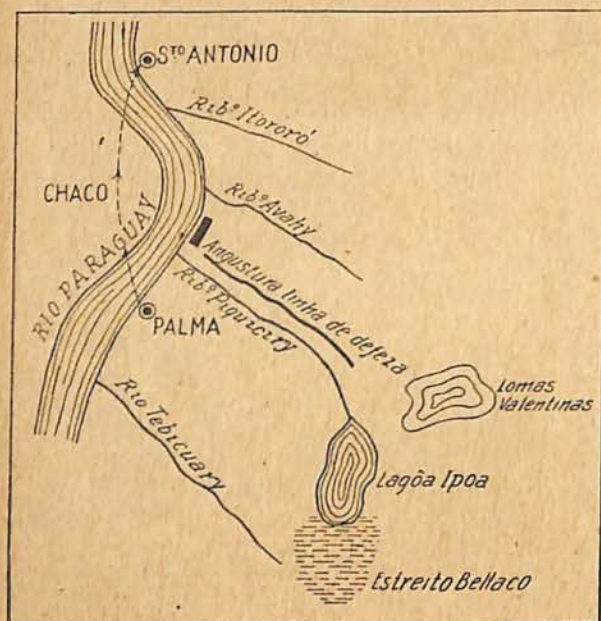
Iniciaram-se então os preparativos para a tomada da fortaleza, dando Caxias as suas ordens, entre as quaes vamos transcrever uma, cujo original se acha em nosso poder e que, embora em estylo epistolar, como então era de uso, muito deve interessar aos amantes da nossa historia militar. A carta-ordem referida dirigia-se ao Visconde de Inhaúma, Commandante da Esquadra operando no rio Paraguay e visava a coordenação das acções da marinha e das forças de terra assaltantes. Eil-a:

Illmo. Ex. Am.º e Snr. Visconde de Inhaúma, Acampamento em marcha 28 de Dezembro 1868.

N'este momento sete horas da tarde chegam os officiaes, que levarão ás linhas inimigas de Angustura o parlamento de intimação ao seo Commandante para render-se dentro de 12 horas.

Não quizerão nem o primeiro nem o segundo Commandante receber o parlamentar e abrir o officio disendo que como subalternos de Lopes não podiam receber communicações dos Generaes Alliados.

Amanhã, pois, pretendo levar o ataque e assalto á Angustura, do que previno



pantanosas das nascentes do Pequiciry, lagoa Ipea e Estero Bellaco. Tornando-se difficil um ataque frontal, decidiu o Marechal Caxias, actuar pelas retaguardas, o que fez enviando atravez do Chaco e por via navegavel o Grosso do Exercito Brasileiro, para a região de St.º Antonio, conservando frente ao N., os Exercitos Alliados (4.354 argentinos sob o Cmdo. do Gen. Gelly e Obes; 300 Orientaes sob o Cmdo. do Gen. Enrique Castro) e 2.846 brasileiros sob

o meu amigo para que dê suas ordens afim de que por agoa seja elle secundado pelos navios da nossa Esquadra de modo porem que seo fogo não possa offender nossas tropas.

O ataque se fará sentir pelo estam-pido dos canhões, que vou faser assestar.

(Assignado).

Sou como sempre

De V. Excia.
am.º e collega
M. de Carias.

P. S.: Acho conveniente que o meu am.º dê suas ordens, para que nossos Encouraçados bombar-deiem durante esta noite e fortemente as baterias de Angustura, ficando certo de que ao romper do dia junto d'ellas me acharei.

Quando já os preparativos para o assalto estavam completos, os sitiados pre-testando uma reclamação a fazer, envia-ram um parlamentar, o qual após ter sido recebido por Caxias, voltou á fortaleza, levando a impressão da situação geral e uma nova intimação para a entrega da praça.

Um novo parlamentar solicita permis-são para que 5 officiaes paraguayos cer-tifiquem-se dos desastres soffridos por Lo-pes, o que foi concedido, tendo os mesmos accasão de visitarem as regiões onde se travara a grande batalha e os hospitaes onde seus compatriotas em commum com os brasileiros feridos eram tratados cari-nhosamente.

Após voltarem á fortaleza, essa capi-tulou a 30 com 1350 homens paraguayos, ficando assim aberto o caminho para As-sumpção e terminadas as operações de guerra do anno de 1868.

A formação sanitaria da 1.ª Divisão

Quem percorresse, durante a segunda quinzena de Outubro, a estrada que de Deodoro vae a Villa Militar teria natu-ralmente a sua attenção voltada para a mancha kaki que se desenhava sobre um dos morros visinhos. E' que lá se via um acampamento — o da Formação Sanitaria da 1.ª Divisão — e já perdemos o habito de ver a tropa ir ao terreno para viver e treinar a vida da campanha. Por isso, estava explicada a admiração.

A nossa curiosidade nos levou a inda-gar do que lá ia fazer esta unidade de serviço e então a admiração cresceu em applausos aos medicos que dirigem a For-mação.

Já estávamos habituados á nova men-talidade adquirida pelos nossos medicos, revellada principalmente na collaboração dos mesmos em as manobras de quadros e de tropa; não mais extranhávamos quando os viamos interpretar ordens e situações tacticas e coordenar o complicado trama dos P. S., G. P. D., C. E. D., etc., mas fal-tava-nos vel-os em campo, dirigindo como instructores e como chefes os seus solda-dos padioleiros e enfermeiros, agindo em intima ligação com tropas de ataque, des-pendendo grande dóse de energia para cum-prir sua missão, etc.

Em seus dez dias de exercicios a For-mação Sanitaria patenteou a todos que a foram ver a orientação intelligente impri-mida pelos seu Chefe e Officiaes á instruc-ção, preparo e organização dos homens que a constituem. Mostrou como os medicos já se acham imbuidos deste lemma dos frontespicios regulamentares — «a instruc-ção da tropa visa a sua preparação para a guerra». — muitas vezes esquecido pe-los officiaes combatentes.

Valeram á Formação Sanitaria da 1.ª Divisão como prova de sua boa orientação os elogios dos que assistiram o seu ultimo exercicio. Este foi realizado em collabo-ração com a Escola de Sargentos de In-fantaria em ambiente que muito se approxi-mava das situações reaes da guerra. A progressão dos padioleiros atraz das uni-dades do ataque e sob o fogo inimigo, o levantamento e transporte dos feridos, o funcionamento effectivo dos P. S., tudo se realizou como se daria na realidade. Não faltou mesmo o medico esforçado e ousado a rastejar sob o fogo para soccorrer os feridos.

Parabens á Formação Sanitaria da 1.ª Divisão. Que sua actividade e esforço sir-vam de exemplo aos que se deixam vencer pelo desanimo.

A Engenharia em acção

Calculo de uma jangada

Pelo Cap. A. J. Pamphiro

Um destacamento mixto, composto de um R. I., um G. A. M., dous Esq. C., uma Cia. Sap. Min. e uma Secção de T. S. F., com os respectivos T. C. e T. E., constitue flancoguarda de uma D. I. Marcha por uma estrada parallelá á que marcha a D., e da mesma afastada alguns kilometros. A região é coberta de florestas e não ha caminhos transversaes entre as duas estradas; as ligações se fazem unicamente por T. S. F.

Ambas as estradas vão ter a um caudaloso rio, que não dá vao e que tem cerca de 600 m. de largo. Chegado á margem do mesmo o Cmt. do Dest. communica ao Cmt. da Cia. Sap. Min. que necessita transpol-o com rapidez e que não póde dispôr da equipagem de pontes, nesta occasião, em serviço com a D. I. Pede-lhe uma solução prompta, pois no fim da jornada seguinte conta poder estar do outro lado.

O Cmt. da E. então destaca um de seus officiaes para reconhecer o rio e outro para reconhecer os recursos locais.

Em seguida dá ordem á sua Cia. de approximar-se da margem e vae então, enquanto espera o resultado dos reconhecimentos, pensar de que maneira poderá resolver o problema.

Ora, sua Cia. no momento não dispõe dos saccos Habert, que regularmente fazem parte de seu T. C. Não os havia recebido.

Seus homens apenas estão habilitados a construir pontilhões paquenos, conforme determina o regulamento e o T. C. mesmo não dispõe de ferramentas apropriadas á construcção de pontes.

De que se trata, porem?

De fazer passar o rio um Dest., cuja maior carga será o canhão de 75 ou sejam 1822 kg. em se tratando do Saint Chamond.

Dos relatorios que seus officiaes incumbidos dos reconhecimentos lhes trazem elle conclue o seguinte:

1.º) largura do rio = 600 m; profundidade media = 5 m; velocidade da corrente = 1 m por seg.; natureza do fundo = pedra; não ha ilhas; margens escarpadas, altas em media de 5 m, só excavadas em rampa no logar da estrada.

2.º) Não ha ponte. Um morador do local, incumbido de vigiar um deposito de madeira, existente nas proximidades da estrada informou que a passagem se fazia normalmente por uma balsa de dous barcos e um cabo de vae-vem, que foram ambos destruidos por uma tropa que antes passára. Que as madeiras haviam escapado porque a tropa não havia descoberto o deposito. Bem assim que a madeira era cedro; que já estava secca; e que communmente a madeira descia o rio em jangadas. Examinado o deposito foram encontrados cerca de 500 troncos com diametro medio de 0,30 e comprimento medio de 12 m.

De posse destas informações o Cap. resolve então ordenar a construcção de jangadas, devendo cada uma ter a capacidade maxima de suporte para 2 T.

Acompanhemol-o então em seus calculos.

$$\text{Formula: } C = n V (1000 - \frac{7}{6} \Delta).$$

C = capacidade do suporte;

n = numero de troncos;

V = volume de um tronco;

Δ = densidade da madeira.

Para o nosso caso:

$$C = 2000 \text{ kg.}$$

$$V = \frac{\pi d^2}{4} \times l = \frac{3,14 \times 0,30^2}{4} \times 12 = 0,847 \text{ ou } 0 \text{ m}, 800$$

$$\Delta = 600; \text{ d'ahi}$$

$$2000 = n \times 0,800 (1000 - \frac{7}{6} \times 600);$$

$$n = 8$$

Ora para a estabilidade da jangada ella deve ter uma largura no minimo igual á quarta parte do seu comprimento ou seja 3 m.

Sendo em media o diametro dos troncos igual a 0,30, devemos tomar 10 e não 8. Assim portanto o Cmt. da E. resolveu o problema mandando construir jangadas, compostas cada uma de 10 troncos de cedro, com 0 m, 30 de diametro por 12 m, 00 de comprimento.

Cada jangada transportará uma viatura peça de 75 ou 200 homens equipados e armados, ou ainda qualquer outra carga inferior a 2 T.

A Escola Militar

Pelo Cap. João Marcellino

No vibrante discurso pronunciado a 7 de setembro, na Liga da Defesa Nacional, o major Gregório da Fonseca, brilhante official que o Exército não soube aproveitar, mas que mantém ainda accezo o fogo sagrado que conquistou Bilac para sua campanha cívica, procura reencetar a obra do príncipe dos poetas brasileiros e relembra suas palavras sobre a função do Exército na formação da nossa nacionalidade.

E' effectivamente a elle, ao Exército, que está entregue a solução de um dos nossos problemas maximos: a formação da nacionalidade, isto é, a organização de um povo com lingua, idéas e costumes geraes identicos, ou dos brasileiros de amanhã, com os jovens recebidos hoje, oriundos de raças com grãos de cultura differentes e de dissemelhantes coefficients de adaptação ao meio; meio em muitos pontos do vasto territorio nacional completamente estrangeiro, porque com o estrangeiro sómente foi feito seu desenvolvimento.

Ao Exército, pelo serviço militar, está confiada a grande, a enorme responsabilidade de manter coheso e nosso o Brasil, que nasceu grande, grande se tem mantido, sem conquistas nem annexações, que tornem systematicamente odiados seus dirigentes em qualquer região dentro de suas fronteiras.

Esta grandeza e esta situação, porém, tornam mais ardua a missão do Exército, que, pelas difficuldades de transporte e para facilidade da propria conscrição, se está transformando em pequenos exercitos regionaes, dos quaes, em geral, só a officialidade tem a idéa da grandeza do Brasil, da sua finalidade historica.

E', pois, a essa officialidade que está confiado o cumprimento dessa altissima missão do Exército.

A ella, deveria, por isto, os poderes constituidos e todas as classes cultas o maximo de attenção, o melhor de seus carinhos.

Só assim ella sentirá a enormidade de sua responsabilidade, a magnitude de sua acção.

Mas, como o meio material, tanto como o moral, influe na formação do ca-

racter do individuo, luta nossa officialidade de terra para se libertar da acção depressiva do edificio em que é formada, do meio em que inicia seus labores para o arduo e elevado sacerdocio a que se consagra.

O edificio da Escola Militar está muito aquém do necessario para proporcionar á nossa futura officialidade o meio material que diga da grandeza do paiz que lhe exige a perenne dedicação, a constante preocupação dos seus interesses, a renuncia do seu eu, em beneficio da Patria.

Seu aspecto é de um verdadeiro trapiche e tem-se a impressão externa de que os alumnos ali se acham armazenados quaes fardos de material bellico.

As installações para os differentes serviços estão espalhadas no Realengo, entre a população civil, atravez da qual tem de ser feito o trajecto para as diversas especies de instrucção.

Dois artigos que escrevi nesta revista, no tempo do Exmo. Snr. marechal Faria, ministro, tiveram a virtude de provocar uma ordem para ser projectado um edificio em Deodoro, o qual, felizmente, não passou disso, porque a verba que a elle se pretendia consagrar só dava para cousa acanhada e a Escola Militar tem de ser uma combinação intelligente de um quartel typo para cada arma com uma academia modelar, para mil e quinhentos alumnos que terá em futuro muito proximo, tudo em local que se preste a toda a especie de exercicio.

A não se projectar isso, melhor será deixal-a no que está.

Depois do referido projecto o Exército foi dotado de installações condignas para acolher a mocidade que a lei do serviço militar tem de lhe trazer para ser instruida militar e civicamente.

Entretanto a Escola Militar continua no trapiche do Realengo, ao qual foram accrescidos mais alguns depositos, e nesse conjuncto estão actualmente 750 moços, 750 brasileiros plenos de patriotismo, cheios das illusões que a mocidade alimenta, vibrantes de enthusiasmo pela profissão, ansiosos pela responsabilidade de moldar a nação.

nalidade brasileira, transmittir-lhe a vibração constante de seus corações, avidos das glórias que a carreira acena; como temos visto nos solemníssimos actos do juramento á bandeira e das publicações que no seu meio surgem.

E para formar-lhes o character trabalhista uma pleiade de officiaes esforçados,

cada qual mais cioso de sua responsabilidade, mas aos quaes a situação é ingrata ás vezes e o material não ajuda.

Modificar essa situação, dotar a Escola Militar de installações apropriadas, em local conveniente, eis, certamente um dos pontos capitaes para a nossa efficiência militar.

A Allemanha no Tribunal da Justiça

(Conde Reventlow — versão por J. Quintanilha — Imprensa Official — Bello Horizonte — 1926).

Recebemos e agradecemos a bem elaborada tradução do Sr. J. Quintanilha do interessante estudo, no ponto de vista do patriotismo allemão, das causas da guerra Europeá, pelo conde Reventlow.

O patriotismo do conde Reventlow publica uma serie de documentos e observações historicas interessantissimas para o estudo das responsabilidades da declaração de guerra em 1914.

No entanto, semelhante estudo, como os innumerables congeneres, não só germanicos, como alliados, deixam sempre obscuras as *verdadeiras causas da guerra* e isto devido ao ponto de vista parcial que tomam.

E' cedo ainda para a historia imparcial, descripta e estudada por homens sem partido, lançar o seu *verdictum*. São ainda vivas as paixões e as causas ainda não terminaram seus effeitos mais immediatos e energicos.

E' aliás sabia a grande mestra dos destinos humanos, a Historia, que procede com nimio acerto quando exige para o julgamento definitivo dos acontecimentos humanos lapsos de tempo tanto mais dilatados quanto mais influentes são esses acontecimentos.

De resto, supponho que a nós não importa, senão de um modo secundario, estabelecer nitidamente, desde já, as responsabilidades pessoas da declaração da guerra. Importa-nos sobre tudo conhecer as verdadeiras causas, as causas impessoaes, as que resultaram da conducta anterior dos povos, para eliminá-las ou evitá-las o mais possivel.

Ora, de qualquer modo as *causas de guerra* mais visiveis residem na *expansão imperialista*. E' apparentemente certo que estas mesmas causas, quando se *esgotarem* os pretextos europeos, acabarão por incidir na America.

Conhecê-las com nitidez, eis o nosso maior interesse.

O *imperialismo inglez*, realisou o *interland* africano e tem para as Indias uma linha de expansão imminantemente excitavel; o *imperialismo slavo* procurava romper para o sul, indo

ora incidir sobre o caminho das Indias ora sobre a linha de expansão do *imperialismo germanico*; este rompe pelo mar do Norte (canal de Keel) e para o sul (caminho de Bagdad), tocando de um lado e d'outro a *sensibilidade* ingleza e no sul ainda a *linha slava*.

São estes grandes imperialismos que com a posição intermedia da França, e as aspirações da Italia irredenta têm armado não só a grande catastrophe de 1914, como as grandes conflagrações balticas ás quaes o cadaver turco offereceu sempre as maiores possibilidades.

O estudo das causas assim conduzido, a nós interessaria sobretudo no momento actual quando uma raça que nasceu encurralada em seu berço já não pôde mais nelle se conter e começa a expandir-se para estas terras livres da America, encontrando *livre* e sem *resistencias* o caminho dos mares.

E' um novo imperialismo que tenta implantar uma nova fonte de guerras para as quaes serão faceis os pretextos e largamente discutíveis as justificações.

Mas não é só. Na Europa procura agora a Italia o seu *logar ao sol*, tal como a Allemanha já o fez; que outras catastrophes não assoberbarão o Mundo, quando este logar puder definir-se claramente?

A nós, povos novos e em formação, não nos interessam praticamente se não as *causas fundamentais* da guerra que a sabia e fria Historia, a *mestra imparcial*, nos fornece. E isso para medita-las e precaver-nos.

Os homens de talento, os publicistas notadamente, que constituem e organizam a mentalidade nacional, cream o consciente e assim o subconsciente do povo, devem prevenil-o e ensinar-lhe como preparar-se para os acontecimentos que podem vir um dia...

Finalmente, cumpre notar a maneira porque o conde Reventlow se refere aos factos para nós mais importantes aquelles que accentuam a politica imperialista. São phrases singelas e candidas, precisamente semelhantes ás que usam ingleses, etc., quando fallam de suas patrias...

“SUGGESTÕES”

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFFICIAES

Infelizmente a ninguém restam dúvidas de que os bons esforços da M. M. F. não têm produzido o rendimento que facilmente se poderia obter se não fosse a nossa fraca capacidade de realização.

Os ensinamentos da guerra, as lições vivas da guerra, que nos vêm sendo ministrada por officiaes excellentes que a fizeram em quatro annos e mais de duras provações ficam em grande parte perdidas ou insufficientes porque aos missionarios do *savoir faire* guerreiro têm sempre faltado os meios mais efficazes de ensinar.

De todas as escolas da M. M. F. a que mais se resente de taes imperfeições é a E. A. O., por que escola de capitães, do primeiro degrao do «chefe» é aquella cujos ensinamentos mais intimos são dos *meios de execução* — A proporção que se ascende na hierarchia militar as acções vão se tornando mais geraes, mais abstractas, mas nas acções dos pequenos elementos a abstracção quasi não existe e o *concreto* domina de um modo *assentuado* e visivel a todo instante.

O ensino ahi não precisa ser apenas pratico, na accepção commum do termo; necessita ser *concreto*, a bem dizer material, lidando com cousas ponderaveis, palpaveis, visiveis, existentes.

O official que saisse da E. A. O. com a nota de aproveitamento devera poder ter a certeza de que na *acção* possuiria em si toda confiança. No estado actual das cousas isso não se póde dar; elle não exercitou com os elementos na mão, não experimentou, não verificou a sua assimilação de principios, regras e methodos.

Não queremos com isso desconhecer a grande melhoria que ao valor profissional de nossos quadros tem ella trazido.

Queremos frisar a gravidade de suas faltas: falta-lhe *apparelhamento* material e falta-lhe sobretudo *tropa* para os exercicios praticos, para o treinamento dos commandos.

A Escola possui uma excellente casa, bons professores, bons alumnos e nada mais. Não basta.

E' preciso retomar a orientação inicial e que foi logo perdida por falta de vontade reforçada pelas causas perturbadores que nos atormentam ha demasiado tempo.

E' tempo da Escola começar não mais apenas a *melhorar* os quadros mas a formar *bons capitães*; para isso preciso é dotar-a do que lhe falta, dar-lhe elementos de verdadeira efficiencia.

Mas aproveitando os ensinamentos da experiencia devem se *organizar* esses elementos, *apparelhar-os* e *administrar-os* de modo que nem *serviço externos*, nem necessidades de fuchinas ou outras considerações estranhas ás *necessidades do ensino de capitães*, possam destrahil-os de sua importante função.

E' necessario e é urgente proceder desde já a essas necessidades para que no proximo anno possamos todos com alegria constatar os grandes resultados que se hão de colher. Além de *tropa* que é necessaria a essa *Escola* é tambem preciso possa ella dispor de armamento e outros materiaes apropriados aos exercicios e trabalhos individuaes de seus officiaes.

Os *capitães da activa* são instructores e guias de instructores e como tal devem conhecer com profundeza a materia do ensino que lhes cabe ministrar ou dirigir. Não se trata de *capitães de reserva* a quem bastam os conhecimentos necessarios para commandar na guerra.

Mesmo essa parte — commandar na guerra — é preciso não esquecer, exige que a doutrina seja assimilada até o *estado de reflexos*.

Nem sempre é possivel raciocinar num campo de batalha mas, para não errar ou ficar estatelado ou inactivo, é preciso que o *terreno* por si só faça surgir em todos os *chefes* reflexos de seu *modo de aproveitamento* de accordo com a situação tactica. Ora, o modo de aproveitar o terreno varia com a *situação* (offensiva, defensiva, etc.), com a *tropa* (effectivos etc.) e com o armamento (meios de

fogo etc.) de que o *cheje* dispõe. Portanto, para que a E. A. O. justifique seu nome cabalmente, é necessario que ella desenvolva nos capitães, ao maximo, esse sentimento tactico.

E' claro que tal resultado só poderá ser conseguido pelo exercicio frequente; pondo-se os *capitães* no *terreno*, á frente de uma *tropa*, no quadro de uma situação verosimil.

**

A tropa a ser posta permanentemente á disposição da E. A. O. deveria ser composta de 1 Btl. I, 1. Cia. Mtr. P. 1 G. A. M., 1 Bia A. Mth. e 1 RC, podendo a ella se accrescerem outros elementos, como Sap. Mm, A. P. etc., para certos e determinados exercicios.

Esta tropa continuaria administrativamente a depender das unidades em que se enquadram, mas seu emprego e organização deveria attender ás seguintes condições:

- 1º — todos os seus officiaes a partir de 1ºs Tens. teriam o curso da E. A. O. com boas notas de aproveitamento;
- 2º — todos seus *quadros* seriam rigorosamente seleccionados, devendo os sargentos de infantaria ter o curso da E. S. I., com as melhores notas;
- 3º — seus effectivos não seriam em hypothese alguma inferiores ao minimo regulamentar e deveriam estar tão proximos quanto possivel dos *effectivos de guerra*;
- 4º — a incorporação de elementos novos nessa tropa deveria attender á necessidade de que a tropa pudesse ao segundo ou terceiro mez de funcionamento do curso da E. A. O., estar em condições satisfactorias para os trabalhos *de serviço em campanha*;
- 5º — deveria essa tropa ser dotada de todo material de guerra incluindo nelle, pelo menos, as viaturas dos T. C. e seus aprovisionamentos;
- 6º — finalmente, — e esta é a mais importante — essa tropa ficaria subordinada á autoridade do Chefe do E. M. E. e nenhum emprego alem dos exercicios da E. A. O. lhe podendo ser dado, sem sua ordem.

**

Para terminar lembramos que assim dispondo a E. A. O. de todos os recursos,

poderiam lucrar ainda as outras escolas de ensino do Exercito, desde a Escola Militar até a de E. M.

Bastaria adoptar a medida de fazer annualmente um *acampamento commum das escolas*, dessa tropa e fracções de todas as outras especies de tropa e serviços representadas pelas suas menores unidades de emprego, como se faz em França.

Poderiam assim todos que têm de commandar e empregar um dia na guerra os *differentes meios*, bem sentir o seu modo particular de funcionamento.

X.

AS COMMISSÕES NO ESTRANGEIRO

As commissões dadas a officiaes no estrangeiro, notadamente na Europa, raramente o tem sido visando o interesse do Exercito e da nacionalidade.

Assim fica desvirtuado um dos mais preciosos meios de reforma e de progresso que existem actualmente. E esse erro vêm do criterio das nomeações, criterio quasi sempre pessoal e nem sempre rigorosamente dentro de normas legaes e claras.

Não ha duvida que certas commissões são imprescindiveis, mas para ellas só deveriam ir officiaes satisfazendo o certos requisitos de competencia, restringindo-se a escolha pessoal a limites justos.

Nomear para compra de material officiaes de infantaria e cavallaria que nunca viram uma fabrica e deixar ficar no paiz officiaes de artilharia cuja maior parte da carreira foi feita em fabricas; nomear addidos militares de embaixada officiaes sem sequer terem o curso da E. A. O. deixando no paiz officiaes com todos os cursos antigos e modernos inclusive os de E. M.; tudo isso é não ter muito em conta o interesse geral, é demonstrar que os cursos officiaes não têm valor.

Ha ainda uma injustiça a assignalar: é que ha mais de 20 officiaes *com premio de viagem á Europa* por terem obtido os primeiros logares em cursos de selecção, mas que não têm gosado esse premio que a lei lhes faculta, a pretexto de premencias financeiras.

Ora, seria logico e economico além de reparador e mais productivo para o

Exercito e a Nação mandar nas *commissões* esses officiaes.

Quanto aos addidos militares, parece que qualquer, que bem conheça o que podem elles produzir e o que delles se deve exigir, concluirá connosco ser essa funcção uma funcção de E. M., de preferencia.

Fazemos essa suggestão na intensão de pedir para o assumpto a attenção do novo governo a quem certos detalhes podem escapar na multidão formidavel de cousas importantes a tratar.

Dizem que o novo governo tem por programma prestigiar a M. M. F. Parece-nos que o melhor modo de o fazer seria sem duvida, dar valor aos seus cursos pelo melhor aproveitamento dos officiaes que os têm tirado, ás vezes com entusiasmo e até sacrificio pessoal.

Zéta

REMONTA DOS CORPOS DE TROPA

Estas palavras vêm propositalmente enquadadas nas *Suggestões*, por estar ja muito gasta pelo uso a tecla do *problema da remonta* cujo assumpto se acha, aliás, bem regulamentado.

O que se não póde justificar é deixarmos que os cavallos de um R. A. M., por exemplo, fiquem, na sua quasi totalidade, imprestaveis para o serviço dessa arma, devido principalmente á idade. O regimento de artilharia, cuja cavallhada attinge em media a idade de 15 annos é unidade desmontada mesmo quando, pelo seu bom aspecto, possam os seus animaes fazer boa figura em paradas.

Os officiaes do antigo 6.º R. A. M. (actual 2.º), onde eu era capitão, prepararam uma cavallhada nova e recém-chegada, no praso de 2½ a 3 mezes, para uma parada no seu quartel em Sta. Cruz, realizada com brilhantismo na presença do ex-presidente, Dr. Wenceslau Braz. Se nessa occasião fosse exigida do regimento a marcha em um percurso de apenas 20 Km., aquella autoridade não teria sahido convencido de que tinhamos mais uma unidade de artilharia prompta para a (Grande) guerra...

Por essa occasião, como aliás sempre, nos illudimos a nós mesmos, apesar dos

meus protestos e essa illusão continuará nos regimentos com cavallhada já envelhecida.

A remonta em massa, alem da crise completa trazida á efficiencia da unidade, acorreta as formidaveis despesas feitas de uma só vez e em uma oportunidade já esperada pelo vendedor que a aproveita para elevar o seu preço, fóra o do não pequeno numero de animaes que morrem durante a conducção e no periodo de adaptação.

Entretanto, poderíamos remontar os nossos corpos de tropa da maneira mais commoda e sem os graves inconvenientes acima apontados.

Todos os annos após o 3.º periodo de instrucção esses corpos apresentariam uma relação dos cavallos imprestaveis já por molestia, ja pela idade, consignando nella o numero de animaes necessarios. Esses animaes pedidos seriam logo fornecidos e os julgados imprestaveis seriam, os provenientes de molestia não contagiosa vendidos em leilão e os de velhice transferidos para unidades de outras armas onde ainda prestariam bons serviços.

No primeiro anno em que se fizesse assim o serviço o numero de animaes seria ainda grande em sua totalidade, mas em vez de remontarmos mal um ou dois corpos, remontariamos bem todos. Esse numero de animaes iria annualmente diminuindo e, dentro de 3 ou 4 annos as necessidades da 1.ª D. I., por exemplo seriam:

1.º R. A. M.	10 Cavallos
2.º R. A. M.	7 «
1.º R. A. P.	8 «
1.º Gr. Mth.	2 «
5.º Gr. Mth.	3 «
1.º R. C. D.	15 «

Percebemos, pela immensa simplicidade desse processo, as enormes vantagens para quem compra e para a tropa que se não achará, de uma hora para outra, desmontada e completamente inefficiente.

Estou, já ha muito, convencido de que ou faremos a remonta por esse processo, unico compativel com os principios da militança e com os nossos recursos

(presentes e futuros), ou continuaremos na doce illusão de nos illudirmos a nós mesmos.

Cel. Parga

O NOSSO CAVALLO DE GUERRA

E' problema intrincado, porém de facil solução, a definitiva escolha do nosso cavallo de guerra.

Não se diga, entretanto, desprovido de valôr, pois que a defesa nacional delle não prescinde, dada a vastidão do nosso territorio e a incontestavel deficiencia de nossas vias de comunicação.

São bem frizantes os exemplos e palpavel o descalabro dos erros acarretados pela imprevidencia, guiados os acontecimentos pela mão de ferro do destino.

Na extrema grandeza do Brasil, de norte a sul e de leste a oeste, ha surpresas na vida dos Estados. Uns, apparentemente, mais pobres, são mais ricos do que os outros. Escondem em seu seio a riqueza do futuro.

Ao se procurar adaptar ao nosso Exercito o verdadeiro typo do cavallo para as campanhas futuras, irá fatalmente, recahir sobre o nosso cavallo crioulo, a escolha final.

Se percorrermos as paginas da historia, esta nos demonstrará, sereno e imperturbavel, na ativez de suas phrases, o valor d'aquelle cavallo nacional.

A evidencia dos factos assim o quer.

Todavia o sul brasileiro, menosprezando o que é nosso, vae por meio de cruzamentos sem leis zootechnicas, eliminando pouco a pouco do cenaculo da patria, o precioso sangue do nobre cavallo, descendente, infallivelmente, do arabe, e que alem de se constituir reliquia inestimavel, formava a potente e sobria raça cavallar do Brasil.

Felizmente, no Estado do Pará e deste, particularmente, as cidades de Alen-

quer, Monte-Alegre, Santarem e Obidos, conservam, carinhosamente, o padrão do cavallo crioulo, tal qual elle foi nos tempos idos de nossa colonisação.

Tanto assim que se encontram, com facilidade actualmente, n'aquellas cidades paraenses, equinos nacionaes com um metro e cinquenta e tantos centimetros de altura.

A resistencia e a sobriedade d'aquelles animaes são postas á prova, constantemente n'aquellas plagas, no serviço de gado no campo e de laço á porteira do curral.

Nesta penosa lida, com a velocidade que adquire, de quando em quando, pelo dia a fora, acompanhando, satisfactoriamente, a vertiginosa corrida do garrote pelo campo aberto, demonstra cabalmente o fundo que herdou de seus antepassados.

E solto após o serviço estafante, por cahir a noite, pasta resignadamente e sem perda de tempo, os brotos pouquissimos do capim que torrou sob a ardençia do sol tropical, para na manhã seguinte, proseguir o trabalho insano com a mesma agilidade, com o mesmo ardor. Eis então a sobriedade incontestavel.

Recordemos o feito dos bandeirantes. Conservemol-o na mente.

Não deixemos desaparecer ante as iniciativas impatrioticas, uma raça nacional. Seleccionemol-a, para melhor servir ao paiz.

A nobreza dos nossos sentimentos assim nos obriga a proceder.

Se a tanto valesse o meu appello, eu ousaria pedir á S. Ex., o Sr. Ministro da Guerra, a criação no Pará de um Deposito de Remonta, quando não fosse para a remonta das regiões nortistas, ao menos para a selecção do nosso cavallo crioulo tão cuidadosamente conservado pelos paraenses.

Ten. Costa Homem.

A "Sugestão" do momento !

Vae mudar a côr da capa a partir do proximo numero, Lembramos aos nossos camaradas assignantes e aos nossos representantes a necessidade de se quitarem todos o mais tardar até á sahida do segundo numero do semestre que se vae iniciar.

Interrogatorio de prisioneiros no Regimento, na Divisão e no Exercito

Pelo 1º Ten. *Octavio Paranhos*

Os prisioneiros constituem uma das melhores fontes de informações. E isto é tão certo, que durante a ultima grande guerra, nas vespas dos periodos de crise, os belligerantes executavam constantes golpes de mão, destinados á fazer prisioneiros, afim de ter informações do inimigo.

O prisioneiro, qualquer que seja o seu gráo de intelligencia, a sua posição social, o seu posto, é um homem que viveu varios mezes, mesmo varios annos, no ambito da actividade militar inimiga, que a observou e que a tem mais ou menos conservada na memoria.

Para que o interrogante possa obter do prisioneiro as suas observações, é necessario adaptar-se ao seu gráo de intelligencia, rever com elle o passado, despertar a sua memoria muitas vezes adormecida. Esta é uma das condições primordiaes.

Porém, para que o interrogante desempenhe a contento a sua tarefa, é preciso que tenha perfeito conhecimento do assumpto sobre o qual versa a conversação de modo a afastar de prompto toda tentativa de burla, a descobrir toda resposta na qual se insinúa, muitas vezes involuntariamente, uma inexatidão. Assim guiado por vontade firme, o prisioneiro acha no seu cerebro numerosos factos uteis a dizer; discorre sobre as observações quasi machinalmente e chega a fornecer informações de precisão e de valor extraordinarios.

Os interrogatorios a serem feitos nos diversos escalões deverão ser baseados nos seguintes principios de ordem geral:

a) — Cada escalão só pedirá aos prisioneiros as informações que estiver em condições de verificar e aproveitar;

b) — verificam-se, completam-se, mas não se repetem os interrogatorios já feitos nos escalões inferiores;

c) — o escalão inferior deve transmitir incontinentemente toda informação digna de ser aproveitada pelos escalões superiores.

Igualmente, não devemos esquecer, que todas as informações uteis ao commando devem ser recolhidos no menor prazo possivel, e para que isto seja realizado será preciso que não percamos de vista os principios seguintes:

1º) — Ha grande vantagem que o interrogatorio dos prisioneiros seja feito o mais cedo possivel após sua captura, enquanto estão dominados pela commoção e antes que tenham tempo de reflectir sobre as respostas a dar;

2º) — Começar sempre, pedindo duas ou tres causas que já se conheçam perfeitamente, afim de se verificar o gráo de sinceridade do interrogado; (1).

3º) — E' tanto mais difficil de se conseguirem informações exactas de um prisioneiro, quanto maior for o numero de vezes interrogado por pessoas diferentes. Para se obter o maximo proveito será necessario sempre agir com astucia;

4º) — E' preciso que haja, segundo o gráo de importancia, uma ordem de urgencia na busca das informações.

Mas sómente isto, não basta, para que o interrogante dirija perfeitamente, um interrogatorio; é preciso que esteja completamente senhor de todas as questões que interessam á ordem de batalha, á artilharia, ás organizações aos projectos do inimigo, etc.

Outra consideração de caracter geral e que tem muita importancia, é que o interrogatorio seja previamente preparado. Esta preparação consistirá em se organizar de ante-mão as perguntas a fazer, sobre certos pontos de detalhe ou de certas grandes linhas bem definidas que servirão de base aos interrogatorios e fixarão a ordem de idéas.

Em consequencia, para que o interrogante possa conduzir satisfactoriamente um interrogatorio será preciso:

1.º) — Conhecer perfeitamente a ordem de batalha e o inimigo em geral;

(1) Esta prescripção é sobretudo importante com os desertores, que podem ser agentes do inimigo procurando dar falsas noticias.

- 2.º) — Preparar o interrogatorio;
- 3.º) — Possuir aptidão para interrogar.

Como em toda operação um interrogatorio deve visar sempre um fim, que não será simplesmente o registro normal de certas declarações correntes, e qualquer que seja a situação em que se esteja, será sempre preciso cogita-se das intenções do adversario, que muitas vezes um simples detalhe pode revelar. Do resultado dos interrogatorios nascerá sempre uma idéa ou seremos conduzidos a uma convicção. E é esta idéa ou esta convicção que servirá de base para a preparação dos interrogatorios futuros.

Além dos interrogatorios dos prisioneiros, vêm pintar-se, em periodo de movimento, os interrogatorios dos habitantes, que constituem fonte preciosa de informações que convém não ser desprezada.

**

NO REGIMENTO

Direcção dos interrogatorios. — No regimento, o interrogatorio é dirigido pelo official de informações do regimento auxiliado, se fôr necessario, pelo sargento adjunto e por dois homens interpretes (recrutados na tropa).

Operações a fazer. Após a entrega dos prisioneiros do official de informações, este verifica cuidadosamente a identidade de cada um por meio dos seus papeis e dos seus uniformes.

Depois procede ao interrogatorio de cada um separadamente, fazendo-lhes algumas perguntas summarias, de accordo com a ordem dada pelo commandante do regimento, e que terão como objectivo saber, se fôr possível, as intenções do inimigo assim como os effectivos que operam na frente do regimento.

Na guerra de movimento, muito a miudo, não será possível o interrogatorio; o official de informações será sobre-carregado pelo affluxo de prisioneiros. Deverá então limitar-se a:

- 1.º) — Contar os prisioneiros e classificá-los em tres categorias: officiaes, sargentos e praças;
- 2.º) — Determinar o numero exacto das unidades (regimentos) aos quaes elles pertencem;

- 3.º) — Precisar o local, data e hora da captura.

Além disso, é necessario proceder á revista immediata dos officiaes e, se possível, dos sargentos. De posse dessas informações, o official de informações do regimento, telephonará o mais rapidamente á Bda. que por sua vez as comunicará á divisão. Em todo caso, mesmo em periodo de estabilisação, quando o numero de prisioneiros fôr grande, é permitido ao regimento conservar, durante uma ou duas horas, um ou dois prisioneiros, escolhidos do grupo que remetteu para a divisão, para interrogal-os sobre determinados pontos de detalhe e de immediato aproveitamento. No caso de haver somente prisioneiros isolados, a mesma attribuição lhe é concedida. Quando, nas proximidades da primeira linha, houver um prisioneiro ferido (official ou sargento), e que não possa ser transportado para a retaguarda, o official de informações ou o seu adjunto, deverá ir até onde se encontra o ferido, para interrogal-o.

**

NA DIVISÃO

Ponto de reunião. — O local determinado pelo Exército e para onde affluem os prisioneiros enviados pelas Brigadas, chama-se «*ponto de reunião divisionario*».

Ahi, os prisioneiros fazem um alto, sómente sufficiente para que possam ser interrogados, contados e repartidos por unidade. Estes pontos devem ser escolhidos nas proximidades das estradas e tão perto quanto possível do P. C. da Divisão.

Só serão organisados quando fôr grande o numero de prisioneiros; no caso contrario, estes serão encaminhados para o P. C. da Divisão onde o interprete, auxiliado, se for preciso, por um ou dois adjunctos, procederá aos interrogatorios e ás demais operações.

Immediatamente após as operações de selecção, revista e classificação, os prisioneiros serão interrogados.

Este interrogatorio, além das informações de interesse immediato para a Divisão (organisadas segundo directivas do commando) e que serão procuradas pelo

seu interprete, versará unicamente sobre os pontos seguintes:

1.º — Verificação das informações consignadas nas relações trazidas pelos commandantes de escoltas vindas dos regimentos (numero da companhia, do regimento, da divisão, logar da captura, dia e hora);

2.º — Unidades visinhas da unidade do prisioneiro vistas no momento do ataque; (1).

3.º — A quanto tempo a unidade do ou dos prisioneiros chegou ao local do combate (2).

As partes. — O interrogatorio succinto feito no ponto de reunião divisionario dará logar, para cada *regimento inimigo*, a uma parte contendo as informações seguintes:

a) — Tantos prisioneiros de tal companhia, de tal regimento, de tal divisão, capturados a tal hora, em tal logar;

b) — Unidades *vistas* e *conhecidas* á direita, á esquerda e á retaguarda;

c) — Unidades *chegadas recentemente*, seus numeros, de onde vieram, seus locais?

Deve-se *especificar nitidamente*, se os prisioneiros *viram* ou *ouviram* falar.

Uma vez terminados os interrogatorios, o official do estado maior encarregado do ponto de reunião da Divisão, telephona para o Exercito dando-lhe o resumo das informações colhidas. Mais tarde lhe enviará uma parte escripta com todos os detalhes.

Quando houver urgente necessidade de informações frescas para uma determinada operação, o interprete da Divisão poderá ir até aos regimentos engajados, e juntando-se aos officiaes de informações destes, irem até aos batalhões avançados para revistar os mortos, identificar os prisioneiros, recolher documentos. Muni-do de bicycletas ou motos, o interprete

(1) A questão relativa as unidades servirá para comparar com as informações de prisioneiros de outros regimentos ou feitos em outros momentos. Esta prescrição é muito importante.

(2) A data de chegada ao campo de batalha permite seguir os movimentos das reservas inimigas, reconstituir sua ordem de batalha com mais precisão e prever movimentos ultteriores.

poderá fazer viagens de ida e volta, entre a 1.ª linha e a Divisão, dando-lhe assim as informações colhidas e permitindo-lhe telephonar ao Exercito sobre o seu resultado.

Além das informações a colher já citadas, poderemos ainda ter os mencionados abaixo extrahidas do livro do Ten. Cel. Ch. Paquet (*Étude sur le fonctionnement interne d'un 2.º bureau en campagne*), que indicamos a titulo de memento.

Em cada regimento inimigo:

1.º Organisações: Sectores.

Linhas successivas existentes ou em construcção.

Parallelas: seu valor; trincheiras contendo abrigos; effectivo de suas guarnições.

Normaes: sentido em que são utilizados (sapa de adducção, sapa de evacuação).

Estão organisadas? em qual sentido?

Nomes dos sectores, obras, parallelas, normaes.

2.º Determinar os locais dos:

Dejesas accessorias: natureza, largura, rede electrificada.

Abrigos: consistencia, valor (cobertura, profundidade, numero de sahidas).

Metralhadoras: natureza da posição de tiro.

Engenhos: sua situação e calibres.

Canhões revolvers: sob abrigo, sob cupula.

Observatorios: de artilharia, de infantaria.

P. C.: dos commandantes de batalhão, dos commandantes de regimento, de brigada, de divisão.

Baterias de artilharia: calibres, falsas baterias.

Localisação das esquadrilhas.

Depositos de munições, de material, parque de engenharia.

Estações electricas.

Trabalhos em andamento, trabalhos de minas.

3.º Linhas de communicações:

Itinerarios e horas das substituições, dos reabastecimentos.

Vias ferreas, normaes ou estreitos, existentes ou em construcção.

Estações.

Centros de reabastecimento.

4.^o *Efeitos obtidos pelos nossos bombardeios.*

5.^o *Signalisação.*

**

NO EXERCITO

No Exercito o interrogatorio dos prisioneiros será executado no parque de prisioneiros e no deposito provisório.

A — No parque de prisioneiros

O parque de prisioneiros, que se destina a receber os prisioneiros enviados pelas divisões, tem uma installação menos rudimentar que as dos pontos de reunião, pois a parada dos prisioneiros ahi será de varios dias.

Sendo sua unica razão de ser o interrogatorio dos prisioneiros, somente a 2.^a Secção do Exercito, tem autoridade para fixar o seu local e de decidir da sua mudança.

A 2.^a Secção do Exercito será representada no parque, por um official do estado maior e que tem delegação do Chefe de Secção, para tudo que diz respeito ás operações pertencentes ao serviço de informações; esse official é quem pode julgar quando estarão terminados no parque as differentes operações.

A organização propriamente dita do parque será feita pela 4.^a Secção do Exercito, porem segundo os desejos da 2.^a Secção.

O delegado da 2.^a Secção no parque, será escolhido entre os officiaes do estado maior, porém com a clausula de conhecer perfeitamente a lingua do inimigo, afim de estar em condições de seguir os interrogatorios feitos pelos interpretes ou, si necessario, elle proprio conduzir-los.

Separação dos prisioneiros. — Logo após a sua chegada ao parque e mediante a relação trazida pelo commandante da escolta e entregue ao official delegado no parque, os prisioneiros são verificados e revistados; em seguida serão seleccionados e separados dentro de cada regimento inimigo (officiaes, sargentos e categorias diversas).

Depois de se haver dado conhecimento da relação ao official da policia do parque, afim de se lhe permittir os verificações diarias, esta será remettida á 2.^a Secção, pelo correio especial.

O interrogatorio. — Uma instrucção especial precisará, para os interpretes do Exercito, os pontos sobre os quaes os prisioneiros serão interrogados.

A titulo de memento, indicamos os seguintes, tirados do livro do Sr. Ten. Cel. Paquet. O interrogatorio é feito por unidade (regimento); deve ser conduzido de maneira a fornecer as informações seguintes:

- 1.^o — *Identificação dos prisioneiros:* companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão e corpo de exercito.
- 2.^o — *Captura:* logar, data, dia e hora.
- 3.^o — *Composição do Corpo de Exercito da Divisão* aos quaes pertencem.
- 4.^o — *Ordem de batalha:* em tal data, repartição das tropas; effectivos em linha, localisação e effectivos dos apoios e reservas; acantonamento de repouso.
- 5.^o — *Organisação:* Sectores dos batalhões, do regimento;
Linhas successivas, existentes, em construcção;
Parallelas: seu valor, trincheiras contendo abrigos, effectivos da sua guarnição;
Normaes: sentido na qual são utilizadas, sapa de adducção, sapa de evacuação.
 Quaes são aquellas que estão organisadas? Em que sentido?
 Estão guarnecidos de redes? Em que face?
- 6.^o — *Preparativos de ataque:* noticias que correm entre as tropas; movimentos de tropas (infantaria, artilharia etc.), *vistas* ou dos quaes tenham ouvido falar. Numeros. De onde vieram? Desde quando estão lá?
Si tiver cohimento: preparação de emissão de gaz.
- 7.^o — *Si são prisioneiros pertencentes a uma unidade novamente chegada,* só poderão dar algumas das informações de que trata o paragrapho 5.^o.
 Insistir-se-á principalmente sobre os pontos seguintes:

De onde vem a unidade? Si tiver logar, por quem foi substituída no antigo local.

Itinerário seguido para vir? Minúcias, data.

Modo de locomoção: pontos de embarque e desembarque; duração do trajeto.

Quando entrou em linha? Unidade que substituiu.

Números das unidades vistas durante o transporte: logar, data, direcção seguida.

Números das unidades vistas na retaguarda da frente: logar, data, direcção.

Os interrogatorios serão iniciados logo após a terminação da selecção, sendo os dos «*officiaes em primeiro logar*».

Quando a 2.^a Secção do Exercito tiver necessidade de obter informações urgentes para uma determinada operação um official desta secção, poderá ir ao parque, e elle proprio proceder ao interrogatorio de certos prisioneiros. Igual condição é permittida dos officiaes das 2.^{as} secções e interpretes das Divisões.

Partes. — Logo que estejam terminadas as operações de selecção em um lote de prisioneiros que acabou de chegar no parque, o official delegado telephona á 2.^a Secção do Exercito, dando:

- a hora da chegada;
- o numero de prisioneiros;
- logar onde foram feitos e por quem;
- hora da captura.

Logo que terminarem os interrogatorios, este mesmo official enviará á 2.^a Secção, uma nova parte telephonica dando informações sobre: ordem de batalha, chegada ao local de combate, logar de partida das unidades, por quem substituídas no seu antigo sector, itinerário e meios de locomoção (será o mesmo do relatorio).

Todas as tardes estes officiaes estabelecerão um relatorio, que enviam á 2.^a Secção, sobre os pontos seguintes:

a) — numero de prisioneiros chegados ao parque na jornada, decompostos por unidades (officiaes, graduados e preças);

b) — indicação do logar e da data das capturas (esta medida será destinada a verificar as informações telephonadas

pelos pontos de reunião divisionarios e evitar assim os erros);

c) — indicações summarias sobre o engojamento das unidades, sua composição, sua situação sobre o terreno (confirmação dos prisioneiros, informações das tropas em contacto).

Estas informações, extractos de interrogatorios detalhados, permittem á 2.^a Secção, seguir os movimentos das unidades inimigas e manter em dia sua ordem de batalha. Nestas partes, juntar-se-ão todas as minúcias complementares, susceptíveis de viver a situação.

Evacuação dos prisioneiros: — Terminados os interrogatorios, os prisioneiros serão dirigidos para o lazareto ou para o deposito provisorio.

Os officiaes serão *todos* evacuados para o deposito de officiaes creado pela 4.^a Secção do Exercito, segundo indicações, dadas pela 2.^a Secção.

Porém, antes da evacuação dos prisioneiros, o official delegado da 2.^a Secção, designa quaes os que serão enviados para o deposito provisorio do exercito, para o complemento do interrogatorio. Estes serão os especialistas, isto é: metralhadores, telephonistas, artilheiros, observadores, agentes de ligação, electricistas, etc., etc.

O numero de homens de cada uma dessas categorias a ser mandado para o deposito, é deixado ao criterio do official delegado da 2.^a Secção no parque.

Além desses, serão igualmente enviados para o deposito provisorio:

a) — pelo menos um homem de cada unidade (R. I., Btl., Cia.);

b) — os homens que estiverem dispostos a falar e que poderão dar indicações importantes sobre as organizações inimigas (observatorios, metralhadoras, depositos, itinerarios, etc.);

c) — os desertores;

d) — os jovens recrutados;

e) — os homens provenientes de um deposito de dois mezes;

f) — os homens vindos a pouco tempo de um batalhão de 2.^a linha.

Prisioneiros feridos. — As formações sanitarias, por intermedio do medico chefe do serviço de Saude, participará á 2.^a Secção onde se encontram os prisioneiros feridos. Aquelles cuja situação

permitta supportar um interrogatorio, a elle serão submittidos sob á direcção da 2.^a Secção.

*
**

B) — *No deposito provisorio*

Chegando ao deposito provisorio, os prisioneiros serão repartidos em grupos como de ordinario, se possivel, os vomens de um mesmo regimento.

O interrogatorio será feito por formação especial ou regimento; procurar-se-á fazel-o com bastante minucia e os pontos sobre os quaes elle assenta, farão objecto de uma instrucção especial do commando.

Para as armas, com a excepção da infantaria, e para as formações especiaes, além das informações abaixo citadas serão procuradas aquellas que estejam consignadas nas relações.

Como memento, e tirada do livro do Ten. Ten. Cel. Paquet, indicamos as seguintes informações a procurar:

- Composição da divisão em infantaria, artilharia, cavallaria, engenharia, engenhos e etc...
- Grupamento ou exercito a que pertenceu.
- Reputação dos generaes commandantes de exercito ou de corpo de exercito.
- Composição do regimento em batalhões, companhias de metralhadoras, formações de assalto e etc.
- Composição do regimento de artilharia, calibres.
- Composição das companhias em classes, categorias e effectivas em tal data.
- Perdas soffridos, datas.
- Moral.
- Alimentação, lista das rações.
- Soldo: se estão em dia.
- *Reforços:*

- 1.º) — Ultimos reforços (numero, idade, valor, classes).
Designação (recuperados, empregados de estradas de ferro, contractados, etc.).
Sua origem.
Haverá entre esses reforços, gente estranha á região de recrutamento normal? No caso affirmativo, quantos? porque?

- 2.º) — Região de recrutamento; quaes as especies de deposito que o

prisioneiro conhece? Deposito de Corpo de exercito? Deposito de divisão? Deposito de exercito? etc.

— *Homens previamente tirados:* São tirados homens das unidades? (especialistas? velhos?).

Porque? quando? quantos?

Será para formar novas unidades (no regimento, na brigada, na divisão, no exercito)? Onde: na retaguarda? no interior?

Esta medida é geral? Particular á unidade? Voltarão para a unidade?

— *Homens enviados para a retaguarda:* São enviados homens para a retaguarda? (especialistas? de qual idade?), para o interior? quando? porque? numero? quem os tem substituido? medida geral? particular?

— *Si é unidade chegada novamente no sector:* de onde vem a unidade? de qual frente? Itinerario seguido: minucias, data. Meios de locomoção, pontos de embarque, de desembarque, duração do trajeto. Como empregou o tempo desde o momento em que foi retirada da frente até quando foi engajada. Por qual unidade foi substituida na antiga frente?

Unidades vistas durante o transporte: effectivos, logar, data, direcção seguida.

A unidade foi reforçada antes de ser engajada?

Effectivos, composição e origens destes reforços.

— *Si o regimento é um regimento de formação desconhecida ou mal conhecida:* Como foi formado? por quaes elementos?

Quando? onde?

Quando passou a pertencer a divisão?

Qual o regimento que substituiu?

O que foi feito do regimento substituido?

Outras perguntas ainda poderão ser formuladas, mas isto, depende do que o commando deseja saber, para orientar as operações.

Thema a Premio

Solução do penultimo thema

1.^a Parte

SITUAÇÃO GERAL

A D. I. vinda de E. estaciona, em fim de marcha, no dia 10 de Agosto, a Leste de TELLES. Ella se dirige para a fronteira do pequeno paiz visinho com a missão de transpor-a e apossar-se de ALEGRETE e alturas a O. desta cidade, isto é, realizar o que se denomina uma *cabeça de ponte*, afim de permitir a passagem do RIO IBIRAPUITAN ao resto de seu exercito.

Isso nos indica:

1.^o Que o commandante desse exercito tem ordem de levar a guerra ao territorio inimigo, sendo a missão geral francamente offensiva;

2.^o Que a D. I. é a Vg. de seu exercito e sua missão implica uma phase offensiva inicial e um final defensivo.

O primeiro aspecto da missão da D. I. depende das reacções que o inimigo offereça á passagem do rio e á posse do objectivo final; mas é quasi certo que para cumprir a missão que lhe foi confiada terá de lutar.

A sua marcha está sendo enquadra á direita por uma D. C. e á esquerda por um destacamento mixto. Estas duas forças representam, em grosso, o papel de Fg. e pôde-se perceber, pela missão dada ao destacamento do S., a larga idéa de manobra do commandante do exercito, abordando o objectivo com a D. I. e manobrando pelo S., ainda com possibilidade de fazel-o tambem pelo N.

Esta acção conjunta determinará, certamente, a queda rapida de ALEGRETE, caso o inimigo não acuda, em tempo opportuno, com forças equivalentes.

SITUAÇÃO PARTICULAR

A D. I. em sua marcha para O. lançou, por sua vez, a Vg. de que trata o thema, a qual attingiu ás 16 horas, com sua Testa, a linha de alturas de cota maxima 135, que vae desde a Estrada de Ferro até a Estrada Geral para CACEQUY.

Até então nenhum elemento dessa Vg. tinha encontrado sequer uma patrulha inimiga e em sua frente o R. C. D. continuava em seu serviço de segurança afastada por conta da D. I. e nenhuma informação tinha fornecido.

O Cmt. da Vg. recebe ás 16 horas a ordem de estacionamento que lhe determina o estabelecimento dos P. A. na linha de alturas attingida pela Testa, mantendo as ligações: á direita com a D. C. em JOÃO ADOLPHO e á esquerda com o destacamento mixto, cuja Testa attinge ás mesmas horas (16) o cruzamento ao N. de A. NUNES.

RACIOCINIO

Qual a situação da Vg. no momento em que recebeu a ordem?

O terreno commandando o escalonamento da Vg., teremos:

Ponta de cavallaria (1 Esq. menos 1 Pel.) no planalto a N. E. de Ca. da ARVORE e garupas mais ao N.;

Apoio da ponta (1 Pel. I.) nas alturas de cota 130, prompto a apoiar a cavallaria ou a acolhel-a;

Cia. destacada da Testa (da qual sahii o Pel. de apoio) subindo a vertente O. do affluente do JARARACA;

Testa (1 Btl. menos uma Cia.) na garupa que desce das alturas de cota 135 (entre a Estrada Geral e a de Ferro);

Corpo da Vg. parte subindo as encostas O. e parte nas nascentes do valle do CAIBOATÉ.

O G. A. Mth. na cauda do Corpo, começando a descer para o valle citado.

De que se trata pois para o Cel. X?

De estabelecer a Vg. em P. A. afim de cobrir o estacionamento da D. I. e garantir a sua sahida para O. no dia seguinte.

— Como sabemos o caracter dessa missão é puramente defensivo.

— O Cel. X toma da carta, depois de ter dado a ordem de parada aos seus elementos, e a examina rapidamente:

— Dois grandes movimentos do terreno ao N. e ao S. do JARARACA vão reunir-se 3 kilometros a S. O. de TELLES, envolvendo as nascentes do arroio. Esta reunião é pois porta de sahida do grosso da D. I. que precisa ficar bem coberta.

— As nascentes do JARARACA dividem o terreno em duas unidades topographicas bem distinctas: a 1.^a de cota 135 que foi attingida pela Testa, a 2.^a envolvendo J. G. ROCHA e prolongando-se até 2,5 kms. a N. E. de GENIPILO.

Estes dois movimentos de terreno interceptam todo o caminhamento para a zona de estacionamento da D. I.

Cada uma destas unidades topographicas pela extensão de sua frente exige para a sua defesa uma unidade tactica do valor de um batalhão.

Que pôde fazer o inimigo?

Até ás 16 horas nada sabia o Cel. X sobre as actividades do inimigo; mas na duvida elle acceita a possibilidade de que pelo menos a sua cavallaria seja capaz de vir até a zona em que vão ser estabelecidos os P. A., pois a distancia á ALEGRETE é apenas de 12 kms. e o terreno muito favoravel.

— A' noite a marcha através dos campos não é muito difficil nesta região; mas, por se tratar de Paiz inimigo, é mais viavel admitir que o inimigo se sirva das estradas, cujas prin-

cipaes são no caso a Geral para CACEQUY e a que vae para ROSARIO.

Quanto á infantaria inimiga, ella não será lançada numa aventura para E. sem certas precauções: primeiramente constituir uma cabeça de ponte nas alturas a E. do rio, depois passar a tropa protegida por esta instalação. E' possível que sob a protecção da noite o inimigo execute todos esses movimentos, mas até as 16 horas, não havendo nenhuma informação do R. C. D., pôde-se concluir que elle ainda não tentou uma tal operação até o momento da parada.

ORDENS

Em consequencia deste rapido raciocinio o Cmt. da Vg. expede a següinte ordem:

Vg. n.º 1/P P. C. na cota 135 (a cavalleiro da estrada) — 16 hs., 15 m. (dezeseis e quinze).

Ao Cmt. do Esq.:

I — Nada de novo sobre o inimigo.

II — A Vg. vae estabelecer-se em P. A.

III — Cobrireis a instalação no planalto a N. E., e S. E. de C.º da ARVORE.

IV — A's 18 horas recolhereis ao meu P. C. pela Estrada Geral para CACEQUY.

V — Procuraes ligação immediata com o cmt. do R. C. D., participando-lhe o estacionamento e pedindo informações sobre o inimigo, rapidamente enviadas ao meu P. C., ainda que sejam negativas.

Cmt. da Vg.
Cel. X.

Por um estafeta a cavallo.

— O Cel. marchava com a Testa junto ao cmt. desta e tinha ao seu lado o Cmt. do II Btl. e o do G. de A.

— Esses chefes acompanharam portanto o exame da carta.

Dá-lhes então as respectivas *ordens verbaes*, que depois são confirmadas por escripto.

— Ao I Btl.:

I — Installará dois P. P. de Cia. nas alturas de cota maxima 135, desde a Estrada de Ferro (inclusive) até a Estrada Geral (inclusive), fazendo ligação com a D. C. no colo de cota 115.

Linha de resistencia na crista topographica.

Um posto de Pel. será installado nas alturas de cota 130. Este posto á noite passará para a Estrada Geral.

II — Missão: Impedir a todo transe que o inimigo se aposse das alturas citadas (cota maxima 135) desde a E. de Ferro até as nascentes do JARARACA.

III — P. C. na vertente da cota 135 em logar que escolherá e participará com a maxima urgencia.

IV — T. C. reunidos á direita (N.) da estrada.

Ao II Btl.:

I — installará dois P. P. de Cia. no movimento de terreno de J. G. ROCHA desde a Estrada Geral (exclusive) até as alturas em frente ao colo de cota 140 (2 kms. a E. de J. G. ROCHA) e um posto de Pel. em GENIPLO.

O posto de GENIPLO á noite vigiará a estrada de J. G. ROCHA para o S.

Linha de resistencia na crista topographica.

II — Missão: Impedir a todo o transe a passagem do inimigo na direcção de TELLES e a posse do colo de cota 140.

III — P. C. proximo á nascente a E. de J. G. ROCHA.

IV — Procurará ligação com o destacamento do S. entre GENIPLO e o entroncamento ao S. Ficam á sua disposição 5 esclarecedores montados e 1 cabo.

V — T. C. com o corpo.

Ao G. A. Mth.:

— Reconhecimento immediato de posições nas ravinas a O. e S.O. de TELLES, de modo a reforçar, com seus fogos, a barreira creada pelos P. A., nas condições seguintes:

a) Fogos de deter na Estrada Geral para CACEQUY, na região da nascente immediatamente ao S. da cota 130 (onde se acha o Pel. do I Btl.);

b) Fogos de deter na mesma estrada, na região onde se bifurca a estrada que passa por J. G. ROCHA;

c) Fogos de deter ao longo da estrada que passa em J. G. ROCHA, nos seguintes trechos: cruzamentos com as 2 ravinas que passam respectivamente pelo N. e pelo S. do movimento de terreno de J. G. ROCHA; em frente a esta localidade; em GENIPLO;

d) Fogos de deter na E. de F. para CACEQUY, entre o corte ao S. do Y de CACEQUY e o outro corte a cerca de 1 km. a NE. do primeiro;

e) Fogos de deter na ravina a 1 km. a SO. da cota 135 (ao N. da Estrada Geral para CACEQUY).

(Estas regiões são de indicação longa, tratando-se de trabalho escripto; mas na realidade a ordem seria verbal e tal indicação muito rapida e incisivamente feita por meio de pequenas ellipses traçadas na carta).

A' Cia. Mtr. P.:

— Reconhecimentos afim de installar duas secções na região da garupa que desce da cota 135.

— Missão: varrer a Estrada Geral para CACEQUY e as ravinas do JARARACA e ficar em condições de fazer o flanqueamento da frente dos pontos de apoio do S. e do N. mais proximos.

O resto da Cia. á minha disposição junto ao P. C.

A todos os cmts. presentes:

— P. C. do Cmt. Vg. na vertente E. da cota 135 a cavalleiro da estrada.

— Posto optico para recepção na crista dessa altura.

Ao Cmt. do III Btl. (por estafeta):

— Continue a marcha até 1 km. a E. da cota 135 a cavalleiro da estrada, onde ficarem como reserva dos P.A., articulado para poder acudir nas direcções N.O. e S.O.

Todas estas ordens juntas vão constituir depois o que se chama *Ordem Geral à Vanguarda*, a qual vem confirmar por escripto as ordens verbaes dadas.

2.ª Parte

1.ª Questão: Qual o dispositivo que tinha o R.C.D. antes de tentar o forçamento do JARARACA?

— O R.C.D. no dia 10 tinha repellido o inimigo que se achava em C.º da ARVORE, atirando-o contra o JARARACA.

Pela informação de 10 o R.C.D. conseguiu com o seu grosso apossar-se de E. MARQUES e a cavallaria inimiga ficou em contacto na margem esquerda do JARARACA e do banhado ao N. de BICCA.

Dahi se depreheende que o Cmt. do R.C.D. applicou um Esq. no JARARACA, porque ainda mantinha nessa hora o grosso em mão nas alturas de E. MARQUES do qual tirou ainda um Esq. para lançar sobre BICCA.

Assim, a situação da vespera era: um Esq. em contacto no JARARACA; um outro lançado sobre BICCA e o terceiro nas mãos do Cmt. em E. MARQUES.

Na madrugada de 11 o Cmt. do R.C.D. tentou forçar o passo, para o que levou o Esq. que lhe restava até perto do rio.

A informação diz que foi tentada uma passagem mais a montante sem resultado. Disso tudo se depreheende que o dispositivo do R.C.D. antes de tentar forçar o passo era o seguinte: um Esq. no passo e mais ao S. em contacto; um Esq. ainda em BICCA, tambem em contacto; o ultimo nas dobras do terreno a O. de E. MARQUES.

O quarto Esq. continúa com a Vg.

2.ª Questão: Pela posição do Cmt. da Vg. (entroncamento da estrada de J. G. ROCHA) deduzir e indicar sobre um calco os diversos escalões da Vg. e a posição de seus Cmts.

— Ao abandonar o estacionamento e em vista das informações recebidas e da missão, do estudo feito na carta e da distancia ao inimigo, o Cmt. da Vg. articulou a sua tropa como mostra o calco.

3.ª Questão: Decisão tomada pelo Cmt. da Vg., ao receber as informações da C. e Av. e ordem dada em consequencia.

— Pelas informações chegadas na manhã de 11 e na tarde de 10, parece que o inimigo tem a intenção pelo menos de deter, durante um certo tempo, o avanço sobre ALEGRETE.

Uma frente mais ou menos bem reconhecida está esboçada desde o JARARACA até Ca. das TUNAS.

O R.C.D. mantem o contacto em toda esta frente.

Quanto á qualidade das tropas inimigas que passaram o rio parece tratar-se de um R.C. apoiado por uma unidade de I., estando esta ultima em Ca. das TUNAS. A A. inimiga ainda não se manifestou.

— Examinando a carta, isto é o terreno, o Cmt. da Vg. vê logo ao S. da Estrada Geral para CACEQUY uma serie de obstaculos representados pelo JARARACA e seus affluents. Mais ao S. um grande movimento do terreno o divisor das aguas do JARARACA e do CAVERA, se desenvolve para NO. e a sua extremidade fórma as garupas que dominam ALEGRETE e são o objectivo da Vg.

E' facil concluir que é por esse movimento de terreno que o Cmt. da Vg. resolve fazer o seu esforço principal, pois, uma vez em BICCA, o ataque se fará na direcção NO. tendo a crista como eixo. Todas as fracções inimigas que estiverem sobre os espigões que correm para o N. serão desbordadas por esse ataque e tomadas de flanco pelo fogo das metralhadoras não podendo, portanto, conservar-se em seus logares, por muito tempo.

— Assim pensando, o Cmt. da Vg. resolve atacar Ca. das TUNAS immediatamente afim de apossar-se da crista que dahi vae até o CAPÃO DO ANGICO. Este ataque será feito por um Btl. e por uma Sec. Mtr. P.

— O R.C.D. será reforçado com uma Cia. de I. afim de manter a todo o transe as passagens do JARARACA, fazendo a maxima pressão sobre o inimigo que está em contacto nessa região.

— A A. apoiará principalmente o ataque a Ca. das TUNAS. Em frente a Ca. das TUNAS ha um colo e o obstaculo formado por dois affluents do JARARACA e do CAVERA, que será provavelmente o seu segundo objectivo; antes de atacar a crista da elevação que domina ALEGRETE, terceiro e ultimo.

ORDEN DADA EM CONSEQUENCIA

Vg. n.º	P.C. no entroncamento de J. G. ROCHA, 7 hs., 30 m. (sete horas e trinta minutos).
------------	---

Ordem á Vg.:

I — O inimigo está em contacto com o R.C.D. na linha Passo do JARARACA — banhado ao S. — Ca. das TUNAS. Parece tratar-se de C. e alguma I.

II — A Vg. tem a missão de apossar-se, o mais cedo possivel, das alturas que dominam o IBIRAPUITAN, desde o JARARACA até o CAVERA, afim de garantir uma base de partida ao ataque de ALEGRETE.

III — A minha idéa é fixar o inimigo que se acha sobre o JARARACA, fazendo sobre elle a maior pressão que fôr possivel e atacar Ca. das TUNAS, tomando ao mesmo tempo de flanco o inimigo que se mantem naquella arreoio.

O esforço sobre o JARARACA será feito em combinação com o R.C.D.

IV — Em consequencia:

— A Vg. vae atacar primeiramente o inimigo que se mantem em Ca. das TUNAS e mais ao N. do seguinte modo:

O I Btl. continuará sua marcha de aproximação, coberta pelo R. C. D. até attingir as alturas de E. MARQUES, onde se articulará de modo a poder acudir quer na direcção de BICCA quer na do Passo do JARARACA.

Este Btl. destacará uma Cia. que ficará á disposição do Cmt. do R. C. D.

O II Btl. marchando pelas encostas N. do movimento de terreno de D. BRAZIL, dirigirse á sobre BICCA, cuja linha de crista será a sua base de partida para o ataque de Ca. das TUNAS. Lançará um foguete logo que atinja BICCA.

O III Btl., seguindo nas pegadas do II, procurará ganhar o espigão que vae de A. CHAVES para NO., onde ficará prompto a acudir na direcção de Ca. das TUNAS.

A Cia Mtr. P. porá uma Sec. á disposição do Cmt. do II Btl.

ARTILHARIA. — Desde que a progressão da I. o permita, os dois G. de A. tomarão posição em torno do movimento de terreno de D. BRAZIL, em condições:

a) de apoiar efficazmente as operações contra Ca. das TUNAS;

b) de tomar sob seus fogos as resistencias que se encontrarem no valle do JARARACA.

O apoio pela A. será prestado até as regiões de P.º NOVO e ponte do MATADOURO, para o que os grupos se deslocarão ulteriormente para O. por escalões de Bias., de modo a manter a continuidade do fogo.

VI — O ataque partirá meia hora após o foguete lançado de BICCA pelo II Btl. e confirmado da altura de E. MARQUES.

VII — O Esq. cobrirá a marcha do II Btl., dirigindo-se depois para o espigão ao S. de BICCA, onde cobrirá o flanco do ataque, na zona entre os banhados.

VIII — Os T. C. não ultrapassarão a linha C.º da ARVORE - A. CHAVES.

IX — Para as ligações entre os Btls.: 4 esclarecedores montados á disposição do Cmt. do II Btl. e 2 do Cmt. do III Btl.

Ligações opticas para o P. O. estabelecido junto ao meu P. C. nas alturas de E. MARQUES.

CORONEL X.

Nota — O Cel. X tem uma conferencia com o Cmt. do R. C. D. com quem combina o ataque.

O NOVO THEMA

A seguir, temos o prazer de apresentar aos nossos leitores o novo thema tactico do Concurso de «A Defesa».

Lembramos que as condições inicialmente estabelecidas para os concurrentes são as seguintes:

1.ª — Sempre que possível, os trabalhos deverão ser *dactylographados*; quando manuscritos, em graphia perfeitamente clara e legivel.

2.ª — Os originaes, assignados com um *pseudonymo*, composto pelo menos de 2 nomes, serão enviados sob registro a esta Redacção, acompanhados de uma *sobre-carta fechada*, em cuja parte exterior será reproduzido o pseudonymo e no interior o verdadeiro nome, com endereço.

3.ª — O prazo para o recebimento dos trabalhos será de 3 mezes a contar de hoje, 10 de Dezembro, e só serão julgados os que chegarem a esta Redacção até ao dia 10 de Março proximo.

4.ª — A classificação dos trabalhos será feita de 1 a 10 pontos; e, no intuito de nivelar, tanto quanto possível, as condições dos concurrentes, a commissão julgadora abaterá, depois do julgamento e quando conhecidos os verdadeiros nomes:

— 1 ponto nas soluções dos officiaes que já tenham os cursos da E. A. O. e o de Revisão, ou frequentem o 2.º anno da E. E. M.

— 2 pontos nos que frequentarem o 3.º anno da E. E. M., ou já tenham o respectivo curso de E. M.

5.ª — Todas as soluções serão devolvidas, devidamente annotadas, aos seus autores, desde que nos remetam *sellos* para o registro de volta.

Nota: Alguns leitores suggerem a conveniencia de graduarmos os themas em difficuldade, destinando-os ora a officiaes com o curso de E. M.; ora aos com o curso da E. A. O., etc., de modo a evitar o desconto de pontos, a que se refere a clausula 4.ª das condições para o concurso.

A idéa é perfeitamente accetavel e pretendemos segui-la mais tarde; dado, porém, o caracter de *simplicidade* que se revestem os themas que vamos publicando, o criterio da 4.ª clausula permanecerá ainda, para não privarmos aos collegas com aquelles cursos o prazer de resolvê-los.

Carta de Alegrete
Esc. 1/50.000

Situação Geral

Defrontam-se dois adversarios cujos territorios têm por fronteira commum, nos limites da carta de ALEGRETE, o rio IBIRAPUITAN.

Tendo o paiz de Oéste (*azul*) alcançado uma superioridade em tropas de cobertura na região citada, relativamente ás que se lhes opõem do outro lado do rio (*vermelhas*), resolvem tomar a iniciativa das operações o quanto antes, para constituir uma cabeça de ponte no territorio adverso, afim de permittir a ulterior transposição do IBIRAPUITAN pelos grossos dos *azues*.

As operações foram conduzidas com relativa facilidade na primeira jornada. Já no segundo dia, entretanto, a resistencia dos *vermelhos* foi mais accentuada, devido aos reforços que chegaram de varias direcções.

Ao fim deste dia (10 de Dezembro), as forças *azues* alcançaram a frente geral balisada pelo arroio LAGEADINHO, TELLES, PALMA, arroio JACARÉ.

Devido ás chuvas, os banhados (representados na carta) se acham intransponíveis, o que levou o Cmt. azul a se fixar na linha attingida; para melhor aproveitar o terreno com as poucas forças que até agora dispõe.

Deste modo, as ordens para o dia 11 de Dezembro prescrevem a manutenção do terreno conquistado com o seguinte dispositivo geral:

1.º R. C. D. (menos 1 Esq.) atrás (Oéste) do arroio JACARÉ, desde o banhado até á região das suas cabeceiras.

1.º e 2.º R. I., apoiados pelo 1.º R. A. M., em PALMA — cota 145 (2 kms. ao S.) — OLIVEIRA TELLES — TELLES.

3.º R. C. I. entre a estrada geral para CACEQUY e o arroio CAVERÁ, com Esquadrões nas 3 cotas 155 a S. O. de TELLES — em GENIPLO e A. NUNES, para guardar as passagens existentes entre os pantanos do arroio LAGEADINHO.

1 Esq. do 1.º R. C. D. (Esquadrão divisionário) opéra em MOTTA, afim de guardar a estrada para SANT'ANNA do LIVRAMENTO.

**

Situação Particular

Na jornada de 11, marcha pela estrada que vem de URUGUAYANA (a que passa perto de ALAMO) um Destacamento composto do 3.º R. I. e 1.º G. Mth. (2 Bias.); esta tropa vae se reunir ás da cabeça de ponte, tendo para primeiro destino J. G. ROCHA.

1.ª *Questão pedida*: Calco do dispositivo da columna de marcha, quando a *testa do grosso* attinge a bifurcação 800 m. ao S. de ALAMO.

Em fim da jornada, o Destacamento conta estacionar em ALEGRETE; por isto, no grande alto, os *estacionadores* avançaram na direcção desta cidade.

Tendo o *chefe dos estacionadores* se entendido com o Cmt. da praça, ficou resolvido que o Destacamento bivacaria fóra da cidade, na região a S. O. da mesma, de um lado e outro

da estrada de marcha, entre o arroio sem nome que passa 2 kms. a E. de ALAMO e as ultimas edificações da cidade. (Assim, a zona de estacionamento abranje tambem os varios trechos de estrada entre o cemiterio e a cidade).

2.ª *Questão pedida*: Ordem de *estacionamento* do Cel. Cmt. do Destacamento, suppondo que o reconhecimento dos estacionadores em nada desmentiu a impressão do terreno proporcionada pela carta.

Ao anoitecer do dia 11, o Cmt. do Destacamento esteve em ALEGRETE, em visita ao Cmt. da praça. Ahí veio a saber dos acontecimentos seguintes:

Na tarde que acaba de findar, os *vermelhos* atacaram a cavalleiro da estrada geral para CACEQUY, conseguindo apossar-se dos movimentos de terreno de OLIVEIRA TELLES — TELLES — e das 3 cotas 155 a S. O. de TELLES.

Ao cahir do dia, a frente azul que recuou ante a offensiva *vermelha*, passa em: cota 145 a 2 kms. de PALMA, occupada por infantaria azul — cota 135 ao N. da palavra «Estrada» (de Estrada geral para CACEQUY), occupada por infantaria azul — cota 135 na palavra «geral» (de Estrada geral para CACEQUY), occupada por cavallaria azul — collo 2 kms. E. de J. G. ROCHA (cavallaria azul) e GENIPLO (cavallaria azul). Os demais pontos da frente, como na *Situação Geral*.

Soube mais o Cmt. do Destacamento que a passagem desta unidade pela ponte de ALEGRETE deveria ser feita entre 6 e 7 horas da manhã do dia 12, por serem as outras horas reservadas á circulação de outras tropas e comboios. Até ao momento do Cmt. do Destacamento deixar o Q. G. do Cmt. da praça, não se poudé assentar o itinerario do Destacamento pelas ruas da cidade; entretanto, desde logo ficou resolvido não ser possível ao Destamento contornar a cidade, devido ao grande numero de comboios bivacados nos arredores: a passagem tinha de ser feita através da cidade, pois o passo NOVO não dava vau.

3.ª *Questão pedida*: Ordem de movimento do Cmt. do Destacamento, para a jornada de 12.

Subsidios para os Quadros de Reserva

Por motivos de ultima hora não nos foi possível dar á estampa essa Secção que tanto interesse vem despertando dos nossos prezados camaradas da reserva, a julgar pelo numero crescente de suas assignaturas.

Em compensação inauguramos as

«*Ephemerides do Mez*» de cujo valor pratico irão dizer aquelles que se dedicam ao estudo de nossa historia militar.

No proximo numero procuraremos augmentar a materia dos «Subsidios» de modo a cobrir os *prejuizos* causados pelo contra-tempo que nos sobreveio.

Ephemerides do Mez

1.

- 1808 — Expedição a Cayena sob o Cmo. do Ten. Cel. Manoel Marques D'Elva Portugal, mandada por D. João VI, afim de occupar a militarmente.
- 1822 — Sagração e Corôação de D. Pedro á 1.^o Imperador do Brazil. Decreto creando uma guarda de honra de 3 Esquadrões: do Rio de Janeiro, de S. Paulo (Taubaté) e de Minas (S. João D'El-Rey).
- 1825 — Em substituição ao Gen. Alreu, assume o Cmo. das tropas no Rio G. do Sul o Gen. Franço Paula Massena Rosado.
- 1864 — Início da marcha do Ex.^o Brasileiro sob o Cmo. de João Menna Barreto, do Acampamento de Pirahy-Grande sobre Paysandú.

2.

- 1631 — Ataque ao forte de Cabedello (Parahyba) pela esquadra Hollandeza sob o Cmo. do Tte. General Steyn- Gallenfels.
- 1825 — Nasceu D. Pedro de Alcantara na Quinta da Boa-Vista, depois Imperador com o nome de D. Pedro II.
- 1827 — Conferencia de Brown (Ch. E. Maior) com o novo Cmt. do Ex.^o Brasileiro Ten. Gen. Carlos Frederico Lecor (Visc. de Laguna) em Serrito, a respeito das operações a seguir contra os argentinos. (Revolução Riograndense): promoção a Ten. Cel. do Major Manoel Marques de Souza (depois Conde de P. Alegre) depois de ter defendido P. Alegre do Sitio de Bento Gonçalves.
- 1848 — O Cap. João de Passos Nepomuceno repelle um ataque dos insurgentes de Pernambuco, entre o Arraial e Monteiro (arredores de Recife) — guerra dos mascates.
- 1867 — Morre em uma emboscada dos Paraguayos no arroio Caibocá e Major Sebastião Tamborim, Cmt. do 26.^o de Voluntarios.

3.

- 1822 — Combate nas linhas avançadas da Bahia, entre os sitiados e as tropas portuguezas do Gen. Madeira.
- 1828 — Evacuação da Colonia do Sacramento pelas tropas brasileiras em cumprimento á convenção preliminar de paz de 28 de Agosto.
- 1864 — O Almirante Tamandaré toma posição deante Paysandú com suas canhoneiras para apoiar o ataque do Gen. Flores por terra.

4.

- 1632 — Ataque do Conde de Bagnuolo ao forte hollandez de Orange, na ilha de Itamaracá.
- 1634 — Desembarque da expedição Hollandeza sob o Cmo. geral do Almirante Corneleszon Lichthardt e Sgismund van Schkoppe, para atacar Cabedello que sómente a 19 capitulou.

- 1810 — Creação no Rio de Janeiro da Academia Militar (depois Escola Militar).
- 1816 — Combate no Arroio Pabla-Paez (Uruguay) entre 200 brasileiros e portuguezes sob o Cmo. do Gen. Bernado da Silveira e 800 orientaes commandados pelo Cel. Fernando Otergués.
- 1864 — Desembarque de tropas da Esquadra Brasileira para o 1.^o ataque a Paysandú (campanha do Uruguay).

5.

- 1868 — Embarque em monitores da tropa que atravessou o Chaco para reunir-se em St.^o Antonio, nas retaguardas da linha paraguaya de Piquiciry-Lomas Valentinas.
- 1891 — Fallece em Pariz o Snr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

6.

- 1634 — Ataque de 200 brasileiros sob o Cmo. de Pedro de Almeida Cabral, contra 400 hollandezes em Apipucas, salientando-se na lucta o preto Henrique Dias.
- 1864 — Ataque a Paysandú (vide 3 e 4).
- 1868 — Combate da ponte de Ibororó, defendida por cerca de 5.000 paraguayos sob o Cmo. do Gen. Caballero (Thermopyla Paraguaya), no qual após serem empregados grandes meios sem resultado, foi preciso que o Marechal Caxias em pessoa se empenhasse no combate, e com seu exemplo puxasse o restante da tropa pronunciando nesta occasião a celebre phrase «quem for brasileiro siga-me».

7.

- 1825 — No arroio do Convento, perto de Serro Lago, o Cel. da milicia Bento Gonçalves da Silva, ataca e dispersa a Divisão do Cel. Ignacio Oribe.
- 1828 — Partem de Montevideo as primeiras tropas que a occupavam, sob o Cmo. do Almirante Barão do Rio da Prata (Pinto Guedes).
- 1864 — Continuam os ataques a Paysandú.

8.

- 1633 — Ataque ao forte dos Reis Magos por 870 hollandezes sob o Cmo. de Byma, defendido apenas por 87 nacionaes.
- 1822 — Proclamação da Independencia e do Imperio em Recife.
- 1826 — O Imperador D. Pedro I chega a Porto Alegre.
- 1864 — Terceiro dia de ataque a Paysandú.

9.

- 1633 — Segundo dia do ataque ao forte dos Reis Magos.
- 1634 — Heroica defesa contra os hollandezes da bateria da Restinga (Parahyba) sob o Cmo. do Cap. Pedro Barros.
- 1868 — O encorajado Mariz e Barros força a passagem de Angusturas no rio Paraguay.

10.

- 1825 — Declaração de guerra do Brazil ás Pro-
vincias Unidas do Prata.
1868 — Ataque de Sta. Blanca, postos avan-
çados da posição paraguaya de Villeta (li-
nha do Piquiciry).

11.

- 1631 — Setimo dia da defesa de Cabedello (1.º
ataque dos holandezes).
1634 — Oitavo dia da defesa de Cabedello (no
2.º ataque dos holandezes).
1865 — Acampa o Ex.º Brasileiro na margem
esquerda do arroio Riachuelo sob o Cmdo.
do Gen. Osorio, proximo ao lugar onde
se dera a memoravel batalha de Ria-
chuelo.
1868 — Batalha de Avahy, ganha pelo Marechal
Caxias, sobre os paraguayos sob o Cmdo.
de Caballero.

12.

- 1633 — Capitulação do forte dos Reis Magos (R.
G. do Norte).
1823 — Chegam a Recife as tropas pernambu-
canas que haviam feito a campanha da
Independencia na Bahia.
1912 — Fallece na Capital Federal a Baroneza
D. Ludovica Porto Carreiro, a heroína
do forte de Coimbra em Dezembro de 1864.

13.

- 1519 — Fernando de Magalhães, em sua viagem
para as Indias chega á bahia do Rio
de Janeiro, proseguindo a 27 a sua fa-
mosa viagem.
1838 — Inicio da guerra civil, que devastou as
provincias do Maranhão, Piauí e Ceará
até 1841, conhecida pelo nome de Ba-
laiadas, tendo como principal chefe Ma-
noel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio.
1848 — Tomada de Goiana pelos revolucionarios
de Pernambuco, sob o Cmdo. de Manuel
Pereira de Moraes.
Defesa do convento de S. Francisco de
Ipejuca, pelo Ten. Luiz Francisco Bar-
balho, contra os insurgentes.

14.

- 1634 — 10.º dia da defesa de Cabedello (3.º ata-
que dos holandezes).
1775 — Nasce em Annsfield (Escossia) Thomaz
lord Cochrane, que combateu pela In-
dependencia do Brazil, alcançando em
nossa marinha o posto de 1.º Almirante.
1819 — Combate do Ibirapuitan-Chico (3.ª inva-
são no Rio Grande do Sul pelo Gen. José
Artigas) entre as tropas commandadas
pelo Gen. José de Abreu e as comman-
dadas por Andres Latorre (2.500 Orien-
taes, Corrientinos e Entrerianos).
1839 — Combate de Sta. Victoria, em que uma
Divisão imperialista sob o Cmdo. do Gen.
Francisco Xavier da Cunha é derrotada
pelos republicanos separatistas do R. G.
do Sul dirigidos por Joaquim Teixeira
Nuno e Joaquim Mariano Aranha (com
estes achava-se o então Cap. Ten. Gari-
baldi).

1851 — Embarque da 1.ª Divisão brasileira em
Colonia do Sacramento onde desde 25
de Nov.º estava acampado o Ex.º Bra-
zeleiro, afim de unir-se ao Ex.º de Ur-
quiza em Espinille, e iniciarem a marcha
sobre Buenos Ayres (campanha contra
Rosas). Caxias ficou em Colonia com
mais 10.000 homens.

1864 — Invasão do Estado de Matto-Grosso pe-
los Paraguayos sob o Cmdo. do Cel. Bar-
rios (cunhado de Lopes) afim de assedia-
rem Coimbra.

15.

- 1646 — Combate de Urumbú. O Cel. Francisco
Rabello, Cmt. das forgças bahianas em
observação na margem direita do rio
S. Francisco, destroça um destacamento
de 500 holandezes sob o Cmdo. do Cap.
Samuel Lambert.
1647 — O Gen. Siegesmundt van Schkoppe, eva-
cua a Ilha de Itaparica, para acudir ao
Recife que estava sendo bombardeada pela
bateria de Sto. Antonio.
1808 — O Cmt. Yee (Inglez) e o Cap. Ten. Luiz
da Cunha Moreira (depois almirante e
Visconde de Cabo-Frio) atacam e tomam
o fortim de Appreuague (Guyana Fran-
ceza).
1816 — Assume o Cmdo. das tropas reunidas no
acampamento de Ibirapuitan-grande o Ma-
rechal de campo Marquez de Alegrete,
afim de partir novamente contra Artigas
que após a derrota de 27 de Out.º (com-
bate de Carumbé) reunira-se outra vez
em Arapeí e Sta. Anna.
1833 — José Bonifacio é suspenso das funcções
de tutor do Imperador D. Pedro II e
da princeza, e enviado preso para Pa-
quetá, por suspeitas de conspirar contra
o Governo (A Regencia).
1864 — A Bda. de Voluntarios brasileiros de ca-
vallaria, commandada pelo Gen. Netto
reune-se aos sitiantees de Paysandú (ve-
ja 29 de Dez.º).
1869 — O Major Francisco Ant.º Martins, sur-
prehende e dispersa o acampamento do
Cel. Canete em Iguassú-Guá (Paraguay)
apenas com 60 cavallerianos da Guarda-
Nacional.

16.

- 1634 — 13.º dia da defesa de Cabedello (3.º as-
sedio pelos holandezes) morrendo nesse
dia o Cmt. Cap. Jeronymo Pereira.
1815 — Passagem de Vice-Reinado a Reino. D.
João VI.
1822 — Juramento da Independencia e do Im-
perio na cidade de Goyaz.
1868 — Os encouraçados Silvado e Mariz e Bar-
ros forçam a passagem de Angustura
(Guerra do Paraguay).

17.

- 1819 — Os Generaes José de Abreu e Bento Cor-
reia da Camara no Passo do Rosario,
repellem as tropas do dictador José Ar-
tigas (Corrientinos, Entrerianos e Orien-
taes).

- 1851 — Combate de Tonelero (margem direita do Paraná, entre Obligado e Ramallo — barrancas de Acevedo): A esquadra sob o Cmdo. de Grenfell (Divisão do Cap. mar e guerra Parker) conduzia além da Bda. de Inf. do Cel. Pereira Pinto, os tres chefes: Sarmento, Mitre e Paunere, aliados, da Colonia para ponta de Diamantina, onde se reuniria a Urquiza e encetarem a campanha para libertar o povo argentino da tyrannia de Rosas. As forças de terra do inimigo eram commandadas pelo Cel. Mancilia.
- 1868 — O Cel. Vasco Alves Pereira surprehende e derrota, em Sta. Blanca entre Villeta e Lomas Valentina (marcha do Ex.º para Lomas Valentina) o 45.º Rgto. de Cav. Paraguaya, empregando nesse ataque parte de sua Cavallaria da Guarda Nacional.

18.

- 1634 — 15.º dia de ataque a Cabedello (3.º assedio dos holandezes).
- 1844 — Decreto do Imperador D. Pedro II concedendo amnistia a todos os comprometidos na rebelião separatista do Rio Grande do Sul, que depuzessem as armas.

19.

- 1634 — Capitulação da Fortaleza de Cabedello atacada desde o dia 4 pelo almirante Lichthardt e pelo Cel. Sgismundt van Schkoppe. (Guerra dos Holandezes).
- 1843 — Os revolucionarios rio-grandenses commandados por Joaquim Nunes atacam a villa de Jaguarão, sendo repellidos.
- 1868 — Os encouraçados Silvado e Mariz e Barros forçam a passagem de Angustura.

20.

- 1637 — Os Holandezes sob o Cmdo. de Joris Gartsman e auxiliados por 200 indios de principal Maniú, tomam o forte do Ceará sob o Cmdo. de Bartholomeu de Brito.
- 1679 — Morre em Clèves o principe de Nassau, que fôra governador do Brazil Holandez.
- 1848 — Combate de Cruangi, em que o Gen. José Joaquim Coelho, derrota uma Divisão de revolucionarios de Pernambuco, commandados por Mandel Pereira de Moraes.
- 1864 — O Ex.º de Flores e as forças brasileiras levantam o sitio de Payssandú e marcham ao encontro do Gen. Sá, que vinha em soccorro á praça. Retirando-se este, o sitio é restabelecido a 25.

21.

- 1501 — André Gonçalves e Americo Vespucci descobrem o cabo S. Thomé.
- 1632 — Luiz Barbalho repelle, no seu posto fortificado das Salinas, um ataque dos holandezes.
- 1825 — Declaração do almirante brasileiro Rodrigo Lobo, commandante em Chefe da esquadra no Rio da Prata, de bloqueio aos portos Argentinos.

- 1868 — 1.º dia da batalha de Lomas-Valentin e tomada de Piquiciry, onde existiam 250 paraguayos sob o Cmdo. do Cel. He mesa e em Lomas 9800 sob o Cmdo. Dictador e Generaes Rosquim e Caballero. O ataque foi feito sob a direcção do Duque de Caxias.

22.

- 1783 — Fallece no Rio de Janeiro o Sen. Bol (alemão), um dos melhores officiaes Conde de Lippe; commandou no Rio do Sul o maior exercito que se reuniu no Brazil nos tempos coloniaes.
- 1866 — Assume o Cmdo. da Esquadra Brasileira em operações no Paraguay, o vice almirante Joaquim José Igracio.
- 1868 — 2.º dia da batalha de Lomas-Valentin. A columna do Gen. Jacintho Bittencourt defende as posições conquistadas na lomba de Acosta e repelle todos os ataques do inimigo, quanto Gen. João Manuel Menna E rreto c 2 D. C. e 1 Bda. Inf. sitiavam Angustura, onde existiam encurralados cerca de 1900 paraguayos.

23.

- 1634 — Capitulação do forte de St.º Antonio, foz do Parahyba.
- 1864 — Restabelecimento do sitio a Payssandú.
- 1868 — Continuam os ataques á Lomas Valentin.

24.

- 1634 — Os Holandezes de posse dos fortes barra do Parahyba entram na cidade deste nome.
- 1865 — O Ex.º brasileiro, commandado pelo G. Osorio, vindo da Concordia (Entre-Rios) acampa em Laguna-Brava (Corrientes) perto do Passo da Patria.
- 1866 — Os encouraçados Brazil, Barroso e Tamandaré e a canhoneira Iguatemy bombardeiam Curupaity, acompanhando o fogo das Baterias de Curuzú.
- 1868 — Entrega aos paraguayos na collina Acosta (Lomas Valentinas), de uma intimação para sua rendição assignada pelo Duque de Caxias, Gens. Gelly e Obes (argentinos) e Enrique Castro (oriental), recebendo resposta que poderia tratar de paz, mas nunca ceder a uma intimação.

25.

- 1562 — Morre em S. Paulo o celebre Mart Affonso Tibiriçá, cacique dos Guaianás de Piratininga convertido á fé catholica por Anchieta e Leonardo Nunes.
- 1591 — A villa de Santos é assaltada pelos navios da esquadra do corsario inglez Thomas Cavendish, que ahi permaneceram cerca de 2 mezes.
- 1636 — Ataque e tomada da missão jesuitica San-Christobal no rio Pardo (R. G. Sul), pelos paulistas bandeirantes, tendo como chefe Antonio Raposo Tavares.
- 1850 — Tratado de alliança entre o Brazil e o Paraguay contra o Gen. Rosas, dictado pelo Duque de Caxias e o Confederação Argentina.

68 — Bombardeio de 46 bocas de fogo do Ex.^o brasileiro por ordem do Duque de Caxias, sobre as posições paraguayas de Itá-Ibaté (uma das Lomas-Valentinas). Tomaram parte nos ataques, juntamente com a Infantaria do Gen. Jacintho Machado as heroínas Chica Biriba, Florisbella e Maria Curupaity.

26.

67 — E' surprehendido 'o 30.^o Btl. (Tte. Cel. Apollonio Campello) que se achava em P. Avançados, em PassoBoi, por um contingente paraguay, sendo obrigado a dispersar-se e perdendo alguns homens mortos e feridos (ataque á noite).

68 — Continua o fogo entre as avançadas dos dos e as paraguayas, em Itá-Ibaté.

27.

19 — Faltando de Magalhães deixa a bahia do Rio de Janeiro (vide 13) e prosegue em sua viagem de circumnavegação.

19 — Os Generaes José Abreu (depois Barão do Serro Largo) e Bento Corrêa da Camara derrotam, perto de Itaquatiá, 800 Orientaes e Corrientinos do Exercito de José Artigas.

31 — Pinio Madeira, revolucionario cearense, tem o seu 1.^o encontro e bate-se com as forças leaes no engenho Burity.

34 — 1.^o dia da defesa do forte de Coimbra em Matto-Grosso, contra os paraguayos commandados pelo Cel. Vicente Barrios. O forte estava sob o Cmdo. do Ten. Cel. Hermenegildo Porto Carreiro, sendo auxiliado em sua defesa pela canhoneira Anhambahy sob o Cmdo. do 1.^o Ten. Banduino de Aguiar.

38 — Batalha de Itá-Ibaté, nas Lomas Valentinas. Os Exercitos alliados e paraguay, ambos reforçados, empenharam-se nessa batalha, da qual sahiu completamente destrocado o paraguay que estava sob o Cmdo. directo de Lopes. O Marechal Caxias dirigiu o ataque contra a direita e a retaguarda do inimigo, enquanto o Gen. Gelly e Oribes dirigiram os do centro e da esquerda. Angustura continuava observada pela tropa do Gen. Camara.

28.

34 — 2.^o dia da defesa do forte de Coimbra pelo Ten. Cel. Porto Carreiro. Estando exgotadas as munições decidiu evacuar o forte, o que foi á noite, para Corumbá, a bordo da canhoneira Anhambahy.

34 — Continua o sitio a Angustura.

29.

1822 — Demonstração ou reconhecimento, feito pelo Gen. Labatut sobre as trincheiras da cidade da Bahia, defendida pelas tropas do Gen. Madeira.

1826 — A Esquadrilla brasileira sob o Cmdo. do Cap. Fragata Senna Pereira repelle o 1.^o ataque da esquadrilla argentina, dirigida pelo almirante Brown.

1864 — Reforça o assedio á Payssandú, um destacamento sob o Cmdo. do Gen. João Propicio Menna Barreto, vindo em marcha de Pirahy.

— Neste mesmo dia, o Cap. Martin Urbietta, á frente de 300 paraguayos, ataca a Colonia de Dourados, onde existia apenas um destacamento de 15 praças sob o Cmdo. do Tte. Ant.^o João, que recusa render-se, morrendo em combate toda a guarnição pronunciando a celebre phrase: «sei que morro, mas o meu sangue e de meus companheiros servirá de protesto da invasão do sólo de minha patria».

1866 — Bombardeio de Curupaity pelos encouraçados Brazil, Barroso, Tamandaré, Pedro Affonso, Forte de Coimbra e Iguatemy.

1868 — O Ex.^o alliado, marchando de Lomas Valentinas, acampa em frente de Angustura.

30.

1614 — Martins de Sá, ataca e destroça, junto á foz do Guandú ou rio Marambaia, um Dest.^o que o Almirante Hollandez Joris van Spilbergen, mandara á terra.

1826 — 2.^o dia de combate do Jaguarý entre a esquadra brasileira do Uruguay (Senna Pereira) e a argentina (alm. Brown), desistindo esta ultima do ataque e retirando-se para Martin Garcia.

1868 — Rendição de Angustura, então sob o Cmdo. dos Ten. Cel. George Thompson e Lucas Carrillo (vide dias 27, 28 e 29).

31.

1843 — Combate da picada de S. Xavier, em que o Major Agostinho Gomes Jardim, da Guarda Nacional, repelle os revolucionarios riograndenses commandados pelo Gen. João Ant.^o da Silveira.

1864 — Inicio do ataque a Payssandú pelos Generaes João Propicio Menna Barreto e Venancio Flores, apoiados pelos fogos de alguns navios da esquadra brasileira, sob o Cmdo. do Almirante Tamandaré.

Vae mudar a côr da capa

Isso significa que vamos iniciar nova jornada administrativa, á qual aprescinde o apoio material de todos aquelles que teem compromissos financeiros com "A Defesa Nacional". A postos, pois!

BIBLIOGRAPHIA

NOÇÕES DE TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA

Ten. Cel. Paes d'Andrade

A bibliotheca militar nacional acaba de ser enriquecida com mais uma produção de nosso operoso camarada e distincto collaborador Ten. Cel. Paes d'Andrade.

Trata-se de um livro de 330 paginas, ornado com muitas gravuras e subordinado ao titulo supra.

Seu autor dedica-o especialmente aos officiaes subalternos e sargentos.

O assumpto do livro, todo elle estudado sob o ponto de visto militar, o que lhe augmenta sobremaneira o valor e o recommenda a todos os militares de Terra, obedece ao seguinte programma:

- A) — *Não existindo uma carta:*
 - a) — *Executar o levantamento:*
 - 1) — Trabalhos de campo;
 - 2) — trabalhos de gabinete.
- B) — *Existindo a carta, mas incompleta por um motivo qualquer*
 - a) — *Completar-a:*
 - 1) — Trabalhos de campo;
 - 2) — trabalhos de gabinete.
- C) — *A carta sendo completa:*
 - a) — *Lê-a com desembaraço:*
 - 1) — Do ponto de vista topographico;
 - 2) — do ponto de vista tactico.

Dado o successo alcançado pelo «Guia do Commandante do Grupo de Combate», do mesmo autor, cuja segunda edição prestes a sahir do prelo, obra bastante para recommendar o Snr. Ten. Cel. Paes d'Andrade, como escriptor competente e criterioso, nos dispensamos de recommendar a sua nova produção aos nossos leitores, por nos parecer desnecessario.

REVISTA DE INTENDENCIA.

Gentilmente remettidos pelo seu redactor-chefe, nosso prezado camarada e distincto collaborador Snr. Ten. Cel. Guimarães Junior, recebemos os exemplares, e agora vindos á luz da *Revista de Intendencia*.

A revista em questão, cuidadosamente impressa e de bôa apparencia é um «orgão de publicação de assumptos militares, especialmente do serviço de intendencia».

Assumptos varios relativos não só technica da Intendencia, mas tambem medidas que convem ser tomadas para melhorar o nosso regimen administrativo-economico, são ali ventilados e estudados com proficiencia, em tudo ficando evidenciado que muitos dos actuaes officiaes daquella quadra, alguns muito noveis ainda, souberam bem aproveitar dos ensinamentos M. M. F.

Por outro lado a existencia já que de um anno que conta aquella revista destinada aliás a circular em meio restricto, demonstra da parte de nossos camaradas um esforço bem grande, que podemos avaliar.

Ao Exercito em geral e á gentil collação de imprensa apresentamos nossos parabens.

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

LINGUAGEM TECHNICA MILITAR

Esse é o titulo de excellente «sugestão» que nos foi enviada por M. S. Não a publicamos porque o seu auctor esqueceu de estabelecer a propria identidade.

Pseudonymo na «Defesa» não significa anonymato. E fazemos questão de manter esse criterio a todo custo, mesmo em face de assumpto como o abordado por M. S. que, certamente, não levará ninguém a conselho de guerra.

Assim que satisfeita aquella formalidade daremos a «sugestão» em apreço que, esperamos, irá despertar grande interesse.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000